

RAUL BARRETTO REFLETE SOBRE TEMPO E ENVELHECIMENTO EM DESPALHAÇO, NO SESC VILA MARIANA

Página 24



A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

A Revolução Científica foi um período de grande transformação no pensamento e na prática científica, que ocorreu principalmente entre os séculos XVI e XVII. Esse movimento marcou o surgimento da ciência moderna e mudou radicalmente a maneira como o mundo natural era compreendido, substituindo muitas das ideias e métodos da antiga tradição aristotélica por abordagens baseadas na observação empírica, na experimentação e no raciocínio matemático.

Contexto Histórico

Antes da Revolução Científica, o conhecimento europeu sobre o mundo natural era dominado pela filosofia natural aristotélica e pela cosmologia ptolemaica, que defendia um universo geocêntrico (com a Terra no centro). O conhecimento era amplamente baseado em textos clássicos e na interpretação escolástica, que combinava filosofia grega com a teologia cristã.

Vários fatores contribuíram para o advento da Revolução Científica, incluindo a redescoberta de textos antigos, o Renascimento, que promoveu uma nova ênfase no humanismo e na investigação independente, e as inovações tecnológicas como a imprensa, que facilitou a disseminação do conhecimento.

PRINCIPAIS FIGURAS E DESCOBERTAS

1. Nicolau Copérnico (1473-1543): Copérnico é frequentemente considerado o ponto de partida da Revolução Científica com sua obra "De Revolutionibus Orbium Coelestium" (Sobre as Revoluções das Esferas Ce-

lestes), publicada em 1543. Ele propôs um modelo heliocêntrico do universo, colocando o Sol no centro em vez da Terra.

2. Johannes Kepler (1571-1630): Kepler, um astrônomo alemão, formulou as leis do movimento planetário que descrevem as órbitas elípticas dos planetas ao redor do Sol. Suas descobertas confirmaram e expandiram o modelo heliocêntrico de Copérnico.

3. Galileu Galilei (1564-1642): Galileu fez importantes avanços na física e na astronomia. Utilizando um telescópio melhorado, ele observou as luas de Júpiter, as fases de Vênus e as manchas solares, fornecendo evidências empíricas que apoiavam o modelo heliocêntrico. Ele também desenvolveu as leis do movimento e é considerado um dos fundadores do método científico.

4. René Descartes (1596-1650): Descartes, filósofo e matemático francês, é conhecido por sua abordagem racionalista e pela frase "Cogito, ergo sum" (Penso, logo existo). Ele contribuiu para a matemática com a invenção da geometria analítica e defendeu uma visão mecanicista do universo.

5. Isaac Newton (1643-1727): Newton é talvez a figura mais emblemática da Revolução Científica. Em sua obra "Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica" (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), publicada em 1687, ele formulou as leis do movimento e a lei da gravitação universal. Seu trabalho unificou a física terrestre e celestial em um único framework teórico.

Mudanças Metodológicas e Filosóficas

A Revolução Científica trouxe mudanças fundamentais na metodologia científica. O empirismo, que enfatiza a observação e a experimentação, tornou-se a base da investigação científica. O método científico, caracterizado pela formulação de hipóteses, realização de experimentos controlados e análise rigorosa dos resultados, foi desenvolvido e aplicado.

O racionalismo, promovido por pensadores como Descartes, enfatizou o uso da razão como fonte principal do conhecimento. Essas abordagens levaram ao desenvolvimento de uma visão mecanicista do universo, onde fenômenos naturais eram explicados em termos de leis físicas e matemáticas.

IMPACTOS DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

A Revolução Científica teve um impacto profundo e duradouro em diversos campos:

- Ciência e Tecnologia:** As descobertas científicas levaram a avanços tecnológicos significativos e ao desenvolvimento de novas disciplinas científicas, como a física, a astronomia, a química e a biologia.

- Filosofia e Epistemologia:** Mudou a maneira como o conhecimento era entendido e adquirido, influenciando o desenvolvimento do empirismo e do racionalismo na filosofia.

- Sociedade e Cultura:** A ciência começou a ser vista como uma força capaz de melhorar a vida humana, levando ao Iluminismo e à valorização da razão, do progresso e da educação.

- Religião:** A Revolução Científica desafiou as concepções



teológicas tradicionais, levando a tensões entre a ciência e a religião, mas também a um diálogo produtivo em muitos casos.

A Revolução Científica lançou as bases para a ciência moderna e mudou fundamentalmente a visão humana do universo. Ela promoveu uma cultura de investigação crítica e rigorosa, estabelecendo princípios que continuam a guiar a pesquisa científica até hoje. O impacto da Revolução Científica pode ser visto em todos os aspectos da sociedade contemporânea, desde a tecnologia até a filosofia e a educação, refletindo a importância duradoura desse período transformador na história da humanidade.

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste - CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto
Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

laczine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

<https://brazilarchive.com.br/revista-lacre/>

[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

QUER APOIAR A REVISTA

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com



O PONTO ZERO DA REVOLUÇÃO

Federici, Silvia

Nas palavras de Silvia Federici, o “ponto zero” é tanto um lugar de perda completa quanto de possibilidades, pois só quando todas posses e ilusões foram perdidas é que somos levados a encontrar, inventar, lutar por novas formas de vida e reprodução.

Neste livro, a autora de *Calibã e a bruxa* reconstrói os caminhos do feminismo anticolonialista e anticapitalista — e sua própria trajetória como intelectual engajada —, desde os primeiros anos das mobilizações por salários para o trabalho doméstico, na década de 1970, até a batalha pelos “comuns”, reabilitada pelos movimentos sociais na virada do século.

Como fio condutor destes quarenta anos de militância, surge a constatação, reiterada em diferentes momentos da história, do quanto o capitalismo necessita do trabalho não remunerado das mulheres para acumular valor e continuar existindo — à custa da natureza e das comunidades.

*** Eu hesitei por algum tempo em publicar um volume de ensaios voltado exclusivamente para a questão da “reprodução”, já que me parecia artificialmente abstrato separá-la dos variados temas e lutas aos quais tenho dedicado meu trabalho ao longo de tantos anos. Há, no entanto, uma lógica por trás do conjunto de textos nesta coletânea: a questão da reprodução, compreendida como o complexo de atividades e relações por meio das quais nossa vida e nosso trabalho são reconstituídos diariamente, tem sido o fio condutor dos meus escritos e ativismo político.

A confrontação com o “trabalho reprodutivo” — entendido, primeiramente, como trabalho doméstico

— foi o fator determinante para muitas mulheres da minha geração, que cresceram após a Segunda Guerra Mundial. Depois de dois conflitos mundiais que, no intervalo de três décadas, dizimaram mais de 70 milhões de pessoas, os atrativos da domesticidade e a perspectiva de nos sacrificarmos para produzir mais

trabalhadores e soldados para o Estado não faziam mais parte do nosso imaginário.

Na verdade, mais do que a experiência de autoconfiança concedida pela guerra a muitas mulheres — simbolizada nos Estados Unidos pela imagem icônica de Rosie the Riveter [Rosie, a rebiteadeira] —, o que moldou nossa relação com a reprodução no pós-guerra, sobretudo na Europa, foi a memória da carnificina na qual nascemos. Este capítulo da história do movimento feminista internacional ainda precisa ser escrito.

No entanto, ao recordar-me das visitas que fiz com a escola, ainda criança na Itália, às exposições nos campos de concentração, ou das conversas na mesa de jantar sobre a quantidade de vezes que escapamos de morrer bombardeados, correndo no meio da noite à procura de abrigo sob um céu em chamas, não posso deixar de me questionar sobre o quanto essas experiências pesaram para que eu e outras mulheres decidíssemos não ter filhos nem nos tornar donas de casa. [...]

Atualmente, sobretudo entre mulheres mais jovens, essa problemática pode parecer ultrapassada, porque elas têm uma possibilidade maior de escapar desse trabalho quando são mais novas. Inclusive, em comparação com a minha geração, as jovens mulheres de hoje têm maior autonomia e independência com relação aos homens. No entanto, o trabalho doméstico não desapareceu, e sua desvalorização, financeira e de outros tipos, continua a ser um problema para muitas de nós, seja ele remunerado ou não.

Ademais, depois de quatro décadas com as mulheres trabalhando fora de casa em regime de tempo integral, não se pode sustentar o pressuposto das feministas da década de 1970 de que o trabalho assalariado seria um caminho para a “libertação”. — *Silvia Federici*

SERVIÇO: “O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista”, Silvia Federici, Tradução Coletivo Sycorax - Editora @editoraelefante



MULHERES LIVRES

Ackelsberg, Martha A.

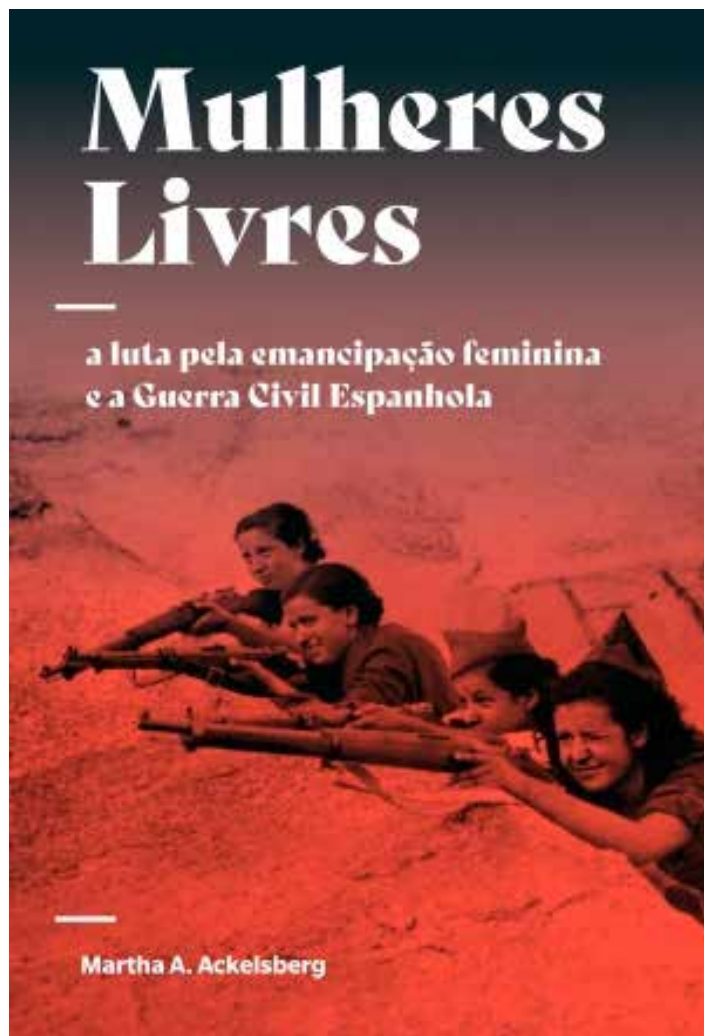
Após uma longa e rigorosa pesquisa sobre as condições sociais e políticas que permitiram o surgimento de um movimento emancipatório de mulheres na Espanha revolucionária de 1936, Martha A. Ackelsberg narra os esforços da Federação Mulheres Livres para criar uma organização de alcance nacional constituída por e para as mulheres da classe trabalhadora, com o objetivo de prepará-las para ocupar seu lugar na revolução em curso e na nova sociedade que se avizinhava — e que, infelizmente, foi detida pelo avanço do fascismo. *** Comecei esta pesquisa muitos anos atrás, num contexto político bastante distinto do atual. Quando este livro foi publicado pela primeira vez, nos Estados Unidos, em 1991, o Muro de Berlim tinha caído havia pouco, a União Soviética estava no mesmo caminho, Nelson Mandela tinha acabado de ser solto da prisão em Robben Island, e o Brasil se recuperava dos anos de ditadura militar.

Eram os primórdios das revoluções digital e tecnológica que transformariam as economias pelo mundo, e mal se podia imaginar que assistiríamos a manifestações contra a globalização — a Organização Mundial do Comércio (omc) sequer havia sido criada. Havia muito trabalho pela frente

para enfrentarmos a desigualdade e a injustiça em todo o mundo, mas, ao mesmo tempo, havia também um sentimento de esperança e a expectativa por mudanças.

Não vejo nenhuma ironia no fato de que a edição brasileira de Free Women of Spain seja publicada agora, num momento em que tanto o Brasil como os Estados Unidos enfrentam a ascensão de coalizões de direita, não tão diferentes daquelas que provocaram a Guerra Civil Espanhola. Apesar dos esforços dos movimentos sociais populares de oposição, em ambos os países candidatos pseudopopulistas tiveram êxito nas eleições presidenciais ao apelar para os altos níveis de alienação e descrédito dos políticos tradicionais, afirmando que tirariam o país das mãos de elites corruptas que, por muito tempo, foram indiferentes aos problemas da população.

Ainda que a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, não tenha sido, talvez, tão inesperada quanto a de Donald Trump, em 2016, o fato é que parece que estamos testemunhando a ascensão de governos autoritários e movimentos neofascistas pelo mundo. Ativistas em ambos os países (e em muitos outros) temem pelo futuro de suas instituições democráticas relativamente no-



vas — e também por aquelas mais antigas —, e se perguntam como transformar a agenda pública e o equilíbrio do poder político para começar a recuperar espaços perdidos.

Sou extremamente grata à Editora Elefante por garantir a oportunidade de introduzir este livro entre o público brasileiro contemporâneo, e por

me permitir — e às mulheres da Mulheres Livres — contribuir de alguma maneira para esse diálogo em curso. — *Martha A. Ackelsberg, no prefácio à edição brasileira*

SERVIÇO: Mulheres livres Martha A. Ackelsberg Editora [@editoraelefante](#) Ano: 2019



TUDO O QUE NÃO VEMOS

Ziya Tong

Fomos educados para acreditar que tudo aquilo que vemos é real. Ziya Tong, o rosto dos mais importantes programas científicos do Canadá, começa este livro a falar sobre os limites físicos da visão, para nos provar que apenas vemos uma parcela ínfima da realidade. E a partir daí, desvenda-nos os ângulos mortos, sociais e culturais, que nos impedem de ver o mundo como ele é. Desde logo, a comida. Afastámo-nos de tal modo da origem dos alimentos que já não sabemos o que comemos. Olhamos para uma posta de salmão de aquacultura sem imaginar que aquela bonita cor é dada por um corante feito à base de petroquímicos.

Numa viagem guiada pelo tempo e espaço, a autora mostra-nos muito daquilo que os média ignoram: desde a origem da energia que nos move e aquece, ao destino que damos ao lixo (custa a

acreditar que há cem anos não havia plástico; e que daqui a 30 haverá mais plástico do que peixes no oceano). Tudo o que fazemos, desde os nossos hábitos de sono às férias que gozamos, é determinado pela evolução de conceitos abstratos, que já nada têm a ver com a nossa natureza.

Tudo o Que Não Vemos é um exercício de divulgação científica de um extraordinário alcance - tão depressa estamos a revisitar a pré-história do petróleo como a descobrir um gigantesco observatório de neutrinos enterrado numa montanha do Japão. E ao longo desta viagem começamos a perceber até que ponto andamos às cegas - e como este livro nos abre os olhos.

SERVIÇO: Tudo o Que Não Vemos
Título original: The Reality Bubble
© 2019, Ziya Tong Edição portuguesa www.leva.pt

CALIBÃ E A BRUXA

Silvia Federici

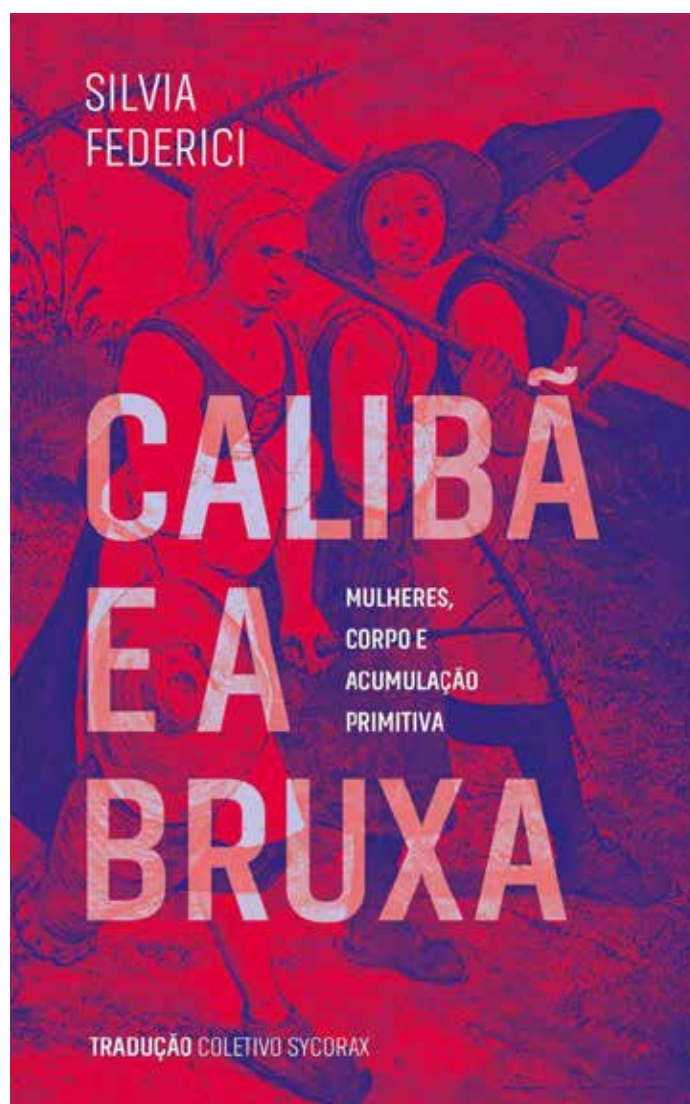
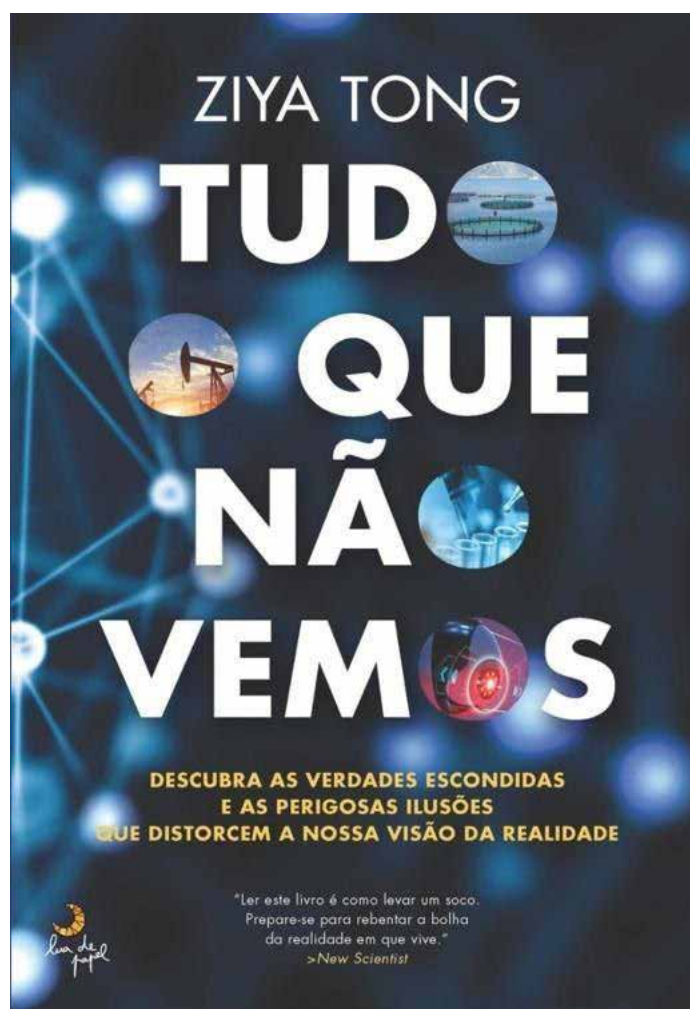
O livro discorre sobre a violência brutal empreendida contra as mulheres durante a transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, e sustenta que a “caça às bruxas” relacionou-se diretamente com criação de um novo sistema económico, forjado na escravidão, na colonização e na exploração e dominação do corpo e dos saberes femininos. O título da obra faz referência a duas personagens shakespearianas — Calibã e sua mãe, Sycorax, uma bruxa — para simbolizar a dimensão sexista e racista que o capital impõe a quem resiste à sua ordem.

Baseada em uma exaustiva pesquisa documental e iconográfica, e em farta bibliografia, Silvia Federici argumenta que o assassinato de centenas de milhares de bruxas foi, juntamente com a submissão dos povos africanos e americanos, um aspecto fundacional do sistema capitalista, uma vez que designou

às mulheres o papel de “produtoras de mão de obra”, obrigando-as, pelo terror, a exercer gratuitamente os serviços domésticos necessários para sustentar os maridos e os filhos homens que seriam usados como força de trabalho do sistema nascente.

Nesse sentido, Calibã e a bruxa apresenta um contraponto ao pensamento de Karl Marx sobre a acumulação, afirmando que, em vez de se tratar de um aspecto precursor do capitalismo, a acumulação seria inerente a ele. O livro dialoga ainda com de Michel Foucault, a quem critica duramente por não haver levado em conta em sua História da sexualidade a campanha contra o corpo feminino e o extermínio de centenas de milhares de mulheres na fogueira.

SERVIÇO: Calibã e a bruxa, mulheres, corpo e acumulação primitiva, tradução: Coletivo Sycorax - [@editoraelefante](https://twitter.com/editoraelefante)



EM TEMPOS DE FAKE NEWS E IDEOLOGIAS FASCISTAS, OBRA DISCUTE CIÊNCIA COMO PILAR DA SOCIEDADE

Professor da UFSCar lança “Ideias para uma Educação do século XXI: Edgar Morin”

Não há nada menos racional, científico e ético do que as fake news, o negacionismo, a apropriação cultural empenhada pelas ideologias racistas e supremacistas, propriamente fascistas. A fala é do professor Vinício Carrilho Martinez, do Departamento de Educação (DEd) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Ele acaba de lançar a obra “Ideias para uma Educação do século XXI: Edgar Morin”, na qual destaca como o filósofo francês Edgar Morin defende o Pensamento científico como um pilar político “ou, como preferem, societal”, destaca Martinez.

A obra está disponível, em formato digital, no site da Amazon.

O mais novo lançamento do professor da UFSCar se debruça especificamente sobre o livro “Ciência com consciência” de Morin. “É um chamado à consciência, como consciência de quem se põe no mundo não apenas para entendê-lo, mas também transformá-lo. Espero que o meu texto não o desaponte”, afirma autor. “O tema gerador do meu livro, se tivesse que escolher apenas um conceito, seria a prevalência necessária (ética e científica) de um Pensamento científico crítico e dialético”.

Origem do livro

O autor conta que a ideia da obra surgiu “exatamente dentro da sala de aula, da minha necessidade de estudar e montar sempre aulas novas. A todo semestre faço isso, pouco recupero ou repito dos semestres anteriores”, explicou.

O livro, conta o autor, foi arquivado no primeiro semestre de 2026. “Começou com a preparação das aulas na disciplina obrigatória ‘Ciência, Tecnologia e Sociedade’ do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) da UFSCar. Após o término do curso, fui reler e

percebi que se investisse mais tempo e cuidado poderia gerar algo mais”.

Homenagem em vida

Uma curiosidade, segundo o professor, é que “quando iniciamos a leitura e os debates acerca de Morin, na disciplina, ele ainda estava vivo. Morin viria a falecer, aos 104 anos, na fase final das nossas aulas. De certo modo, foi uma homenagem em vida”.

Segundo ele, “a escolha de Morin foi por aproximação intelectual, notadamente pelo efeito atrator que tem em mim a complexidade, a dialética e o princípio do contraditório. Atualmente, nos últimos cinco anos, tenho me dedicado mais a temas ligados à educação e, por isso, um viés do meu livro é uma espécie de convite a Morin para que converse com futuros educadores e educadoras brasileiras”.

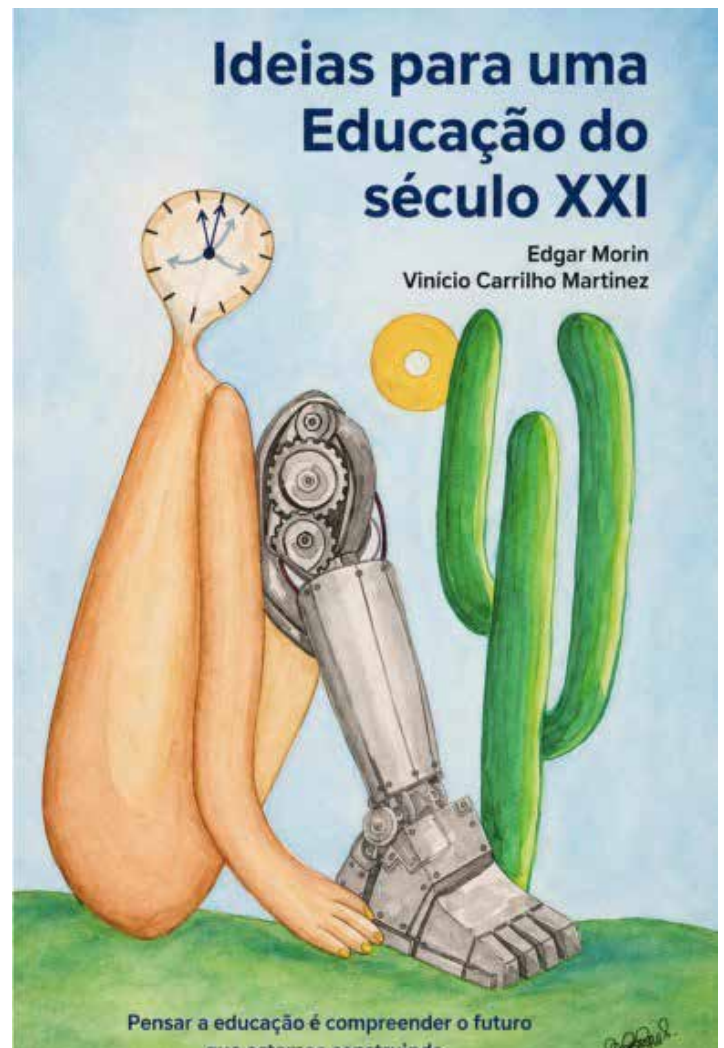
Público-alvo

O trabalho foi redigido para um público específico - estudantes dos cursos de mestrado. Porém, o autor conta que tentou o cuidado de torná-lo acessível a um público vasto. “Não se trata de um livro de crônicas, então, sempre há necessidade de se levar alguma reflexão para quem visita as páginas que escrevemos. É um livro acadêmico, no entanto, foi escrito para não ser hermético”.

Diferencial da obra

O professor da UFSCar tem diversos livros publicados, entre eles, “Educação Crítica à Uberização”, “Educação para além da exceção”, “Educação e Sociedade” e “Educação constitucional”. Mas qual o diferencial do novo livro em relação às demais obras lançadas pelo professor recentemente?

“Essa é sempre uma ótima indagação, pois, muitas vezes, produzimos em torno de temas e objetos conhecidos por nós. Neste caso, não. Apesar de conhecer o pensamento de Morin desde quando fiz o mestrado em



Educação, o livro que utilizei foi tão novo para mim quanto para os discentes do curso. Foi novidade, mais claramente no que se refere ao que entendo ser o ponto central desse trabalho de Morin, que é o que ele denomina de ‘Pensamento científico’ - e como deve prevalecer sobre o próprio conhecimento científico. É uma questão complexa que não posso resumir aqui, porém, isso nos ajuda a ver como minha produção se distingue de tudo que vinha fazendo: uberização, pressupostos da exceção, Educação e Sociedade - para referenciar as minhas últimas publicações”.

Organização do livro

A publicação “Ideias para uma Educação do século XXI: Edgar Morin”, com 108 páginas, tem uma apresentação, um prefácio e um posfácio, além de 10 capítulos.

“Os capítulos são todos

centrados em Morin, especialmente no livro ‘Ciência com consciência’ (Bertrand Brasil, 1996). É um texto denso, tem traços marcantes, fundantes, brilhantes. É claro que toda obra precisa ser contextualizada e criticada, no que não se encaixa mais em nossos tempos, e completada com as necessidades e adversidades atuais. Em todo caso, como sempre falo, não é um livro para ser lido, mas, sim, estudado. Em parte, foi o que me propus na minha leitura para o curso, além de ter resgatado Morin do mergulho nas ciências exatas para confrontá-lo um pouco com as Ciências Sociais e a educação que queremos para nós”.

O livro está disponível em formato online no site da Amazon. Mais informações podem ser solicitadas diretamente com o professor Vinício Carrilho Martinez pelo perfil do Instagram [@vinicio_carrilhomartinez](https://www.instagram.com/vinicio_carrilhomartinez).

TELMA BRITES LANÇA SEU NOVO ROMANCE SOBRE IDENTIDADE, MEMÓRIA E ETARISMO NA BIENAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

No evento literário, a escritora apresenta o inédito 'Entre Espelhos e Memórias' e celebra os 10 anos da sua Trilogia 'Gaia' com edição especial em capa dura: *Gaia – A Última Descendente*

A escritora baiana Telma Brites @autoratelmabrites, que vive na Alemanha há quase três décadas, retorna ao Brasil para um dos momentos mais marcantes de sua trajetória literária: o lançamento do romance “Entre Espelhos e Memórias”, durante a Bienal do Livro de São Paulo, que acontece de 4 a 13 de setembro. A autora também celebra os 10 anos de sua consagrada Trilogia Gaia com uma edição comemorativa de luxo, chamada *Gaia – a Última Descendente*, reunindo os três volumes em um único livro de capa dura. Ambas as obras são publicações da editora Coerência.

Natural de Cafarnaum (BA) e criada entre o interior baiano e Salvador, Telma construiu sua carreira literária vivendo entre diferentes culturas. Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com especialização em Antropologia Médica, ela mora na Alemanha desde 2001, onde desenvolve sua produção literária. Sua trajetória internacional imprime às suas obras uma perspectiva sensível sobre identidade, pertencimento e transformação humana.

Em *Entre Espelhos e Memórias*, Telma apresenta um romance psicológico e existencial que convida o leitor a refletir sobre uma das perguntas mais universais da condição humana: quem somos quando perdemos tudo aquilo que acreditávamos nos definir? O que realmente define quem somos? Nossa aparência, nossa memória, nossas experiências ou nossa consciência? A resposta, construída ao longo da narrativa, mostra que a identidade vai muito além da memória, da aparência ou do passado.

A narrativa acompanha Telúria, uma mulher de meia

idade, que desperta em um hospital de Berlim/Alemanha após um grave acidente sem qualquer lembrança de sua identidade. Sem documentos, sem passado e sem memória, ela tenta reconstruir sua vida. Tudo muda quando um antigo espelho passa a revelar cenas misteriosas envolvendo Grace. A partir daí, realidade, memória, sonho e consciência passam a se entrelaçar em uma narrativa marcada pelo mistério e pela emoção.

Etatismo – tema destacado na obra

Nesse romance sobre perda de memória, a obra mergulha em temas contemporâneos como identidade, pertencimento, reconstrução pessoal e, especialmente, o etatismo, assunto que ganha cada vez mais espaço nas discussões sociais.

Aos 63 anos, Telma afirma que a inspiração para o livro nasceu de uma inquietação pessoal sobre o contraste entre a idade refletida no espelho e aquela que sentimos internamente. “Vivemos em uma sociedade que costuma associar valor, beleza e possibilidades à juventude, especialmente quando se trata das mulheres. A idade cronológica raramente corresponde à idade que sentimos por dentro. O romance convida o leitor a refletir sobre quem realmente somos quando deixamos de olhar apenas para a aparência e passamos a enxergar a pessoa inteira”, afirma a autora.

Para ela, esse ainda é um tema pouco explorado de forma sensível. “O envelhecimento costuma ser tratado como perda, quando também pode representar liberdade, maturidade e uma nova maneira de olhar para a vida”.

A protagonista, Telúria, simboliza justamente esse



conflito vivido por muitas mulheres maduras: continua cheia de sonhos, desejos e projetos, embora o mundo frequentemente a enxergue apenas através da idade. Sem assumir um discurso panfletário, *Entre Espelhos e Memórias* propõe uma reflexão delicada sobre envelhecimento feminino, autoestima, identidade e liberdade para recomençar. “Não escrevi *Entre Espelhos e Memórias* para defender uma tese, mas para dar voz a uma protagonista sobre alguns temas essenciais. Acho importante que mulheres maduras possam se reconhecer na literatura”, ressalta Telma.

O livro, com 304 páginas, dialoga com o romance psicológico e a ficção literária. Segundo a autora, o maior desafio ao escrevê-lo foi preservar a ambiguidade. “Em nenhum momento eu queria impor uma resposta ao leitor. Era importante que cada pessoa pudesse interpretar os acontecimentos à sua maneira, sem que a narrativa perdesse

credibilidade emocional. Meu objetivo sempre foi que o centro da história permanecesse nas pessoas e não na explicação dos acontecimentos”.

Dez anos de Gaia

Além do novo romance, a Bienal também marca outro momento simbólico da carreira da escritora. Para celebrar os 10 anos de publicação de *Gaia – A Roda da Vida*, Telma lança uma edição especial reunindo, pela primeira vez, toda a Trilogia Gaia em um único volume *Gaia – A Última Descendente*, de 536 páginas, com acabamento em capa dura.

A nova edição reúne, além de *Gaia – A Roda da Vida*, também *Gaia – O Templo Esquecido* e *Gaia – A Cidade da Luz*.

A saga, publicada no Brasil, Alemanha e Angola, conquistou leitores ao combinar fantasia, aventura e mitologia grega em uma história protagonizada por uma jovem envolvida em uma antiga profecia ligada aos descendentes de Poseidon.

Conforme a autora, reunir novamente os três livros em um único volume representa a concretização da ideia original do projeto. “Quando comecei a escrever Gaia, imaginei um único romance. Só depois a história foi dividida em três livros. Dez anos depois, reunir novamente essa narrativa em um único volume é permitir que ela volte à forma como nasceu dentro de mim.”

Encontro com os leitores

Durante toda a Bial, Telma Brites participará de encontros com o público, conversas e sessões de autógrafos.

As sessões oficiais acontecerão nos dias: 5 de setembro (sábado), às 10h; e 10 de setembro (quinta-feira), às 15h. Além dos horários oficiais, a autora permanecerá no evento autografando e recebendo leitores todos os dias.

Bahia no roteiro de lançamentos

Após a Bial de São Paulo, Telma Brites segue para Salvador/BA, onde faz o lançamento de Entre Espelhos e Memórias e de Gaia – A Última Descendente no dia 18 de setembro, na Livraria Escariz, no Shopping Barra, em um encontro com bate-papo e ses-

são de autógrafos.

Nos dias 25 e 26 de setembro, a escritora retorna à sua cidade natal, Cafarnaum (BA), como convidada especial da Feira do Livro do município. Na ocasião, será homenageada com a inauguração de uma sala de leitura que levará seu nome, reconhecimento que celebra sua contribuição à literatura e sua trajetória internacional sem romper os vínculos com suas origens baianas.

Após o lançamento na Bial, os livros poderão ser adquiridos na Amazon, em formato impresso e e-book,

além da venda direta pela editora Coerência e pelo perfil da Telma Brites no Instagram, @autoratelmabrites (na Bio). Ao longo dos próximos meses, novos pontos de venda deverão ser anunciados.

Serviço Lançamentos na Bial do Livro em São Paulo. **Entre Espelhos e Memórias**. Edição em capa dura da Gaia – A Última Descendente, reunindo os três romances em um único volume. Período: 4 a 13 de setembro Sessões oficiais de autógrafos • 5 de setembro, às 10h • 10 de setembro, às 15h

DE BALA EM PROSA

Vários autores

O que dizer diante do permanente genocídio negro cometido pelo Estado brasileiro? Como descrevê-lo? De que maneira expressar a justa revolta pelo rastro de sangue que os projéteis oficiais deixam nas periferias das grandes cidades?

De bala em prosa reúne textos de autores e autoras negras. São pessoas diretamente impactadas pela escalada da violência fardada no país. A gota d'água que os levou a escrever – mais uma dentre tantas que historicamente já transbordaram qualquer nível mínimo de civilidade – foi a morte de um músico e um catador de materiais recicláveis no Rio de Janeiro em abril de 2019.

Negros, ambos foram assassinados pelo Exército, que disparou “por engano” o que no momento foi divulgado como “oitenta tiros” – mas que, na verdade, eram 257 – contra um carro que os militares “acharam” que tinha sido roubado. Os soldados mentiram, os governantes desconversaram, a imensa maioria da população permaneceu indiferente.

Pipocos contra gente preta já viraram rotina, não causam a comoção que deveriam nem quando chegam à casa das centenas. A quem minimamente resolveu se perguntar por quê, afinal, as autoridades fariam tamanha barbaridade contra cidadãos a caminho de um chá de

bebê em um domingo à tarde, os textos desta coletânea respondem de diversas maneiras, em diversos estilos e sob diversos pontos de vista, mas sempre com o peso da experiência de quem sabe que, pela cor que indelevelmente carrega na pele, está na mira do fuzil – e pode ser o próximo a engrossar as estatísticas.

Eis o grito que ressoa em cada uma destas linhas. Quem escreve aqui escreve a partir de um cotidiano claustrofóbico de violência e preconceito, com raízes bem fincadas na escravidão. Angústia e sensação de impotência escorrem pelas vírgulas e pontos finais. Mesmo os textos mais otimistas estão empapados de sangue. Boa parte deles se direciona não apenas ao poder estatal que controla, reprime, encarcera e mata, mas aos poucos brancos que conseguem enxergar o racismo estrutural brasileiro, mesmo sem senti-lo ou compreendê-lo.

Respire fundo. Destilado nas próximas páginas está o apelo de quem, com a garganta entalada, quis transmitir aos vivos a voz dos mortos – e dos sobreviventes. O genocídio precisa acabar.

SERVIÇO: De bala em prosa: vozes da resistência ao genocídio negro Vários autores Seleção de textos: Vanessa Oliveira, Gabriel Rocha Gaspar, Túlio Custódio e Tadeu



Breda Revisão: Laura Massunari e Daniela Uemura Capa: Catarina Bessel Projeto gráfico & diagramação: Bianca Oliveira e Denise Mat-

sumoto - Ano 2020 - Páginas: 148 Este livro gratuito está disponível em: <https://editoraelefante.com.br/ebooks/#de-bala-em-prosa>

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: lacrezine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaeste@hotmail.com / lacrezine@gmail.com

EDITORIA MOSTARDA LANÇA “PEQUENA LEITORA, GRANDE ESCRITORA”

Escrita por Marcos Cajé @marcos-cajeoficial, obra incentiva o protagonismo infantil por meio da personagem Amora, que sonha em ser escritora e convida os pequenos leitores a mergulharem em saberes ancestrais.

O comportamento do leitor infantil no Brasil revela uma transformação profunda: as crianças não querem apenas consumir narrativas, elas também manifestam o desejo urgente de criá-las. O fenômeno dos autores mirins — crianças e adolescentes que publicam os próprios livros — ganha força em um cenário onde a infância lidera com folga os índices de leitura no país. Dados da última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), apontam que a faixa etária de 5 a 10 anos se consolida como o público mais assíduo no consumo de literatura, impulsionada pelo estímulo compartilhado entre a escola e a família.

Esse protagonismo na infância e a vontade latente de colocar as próprias ideias no papel servem de pano de fundo para o novo lançamento da Editora Mostarda @editoramostarda: o livro *Pequena Leitora, Grande Escritora*, escrito por Marcos Cajé. Na obra, esse cenário ganha vida e sensibilidade por meio de Amora, uma garota apaixonada por literatura que sonha em escrever seus próprios livros.

A inspiração para a obra nasceu do desejo do autor de desmistificar o ofício da escrita para as novas gerações. “As crianças sempre dizem que querem ser médicas, engenheiras ou advogadas, mas ser escritor também é uma profissão. A Amora é uma menina que sonha em escrever e está inserida em um contexto muito rico: seus pais são cientistas e viajam para a África a fim de pesquisar o baobá. O repertório vem desse continente que poucos conhecem de perto, enquanto a Amora personifica arte, afeto e esperança. É um olhar diferenciado para a literatura voltada a crianças de 5 a



10 anos. Trabalhar essa fase é fundamental para formar adolescentes e adultos leitores”, explica Marcos Cajé.

Realismo afrofantástico e afroafetividade

Para construir a narrativa, Cajé uniu dois conceitos fundamentais de sua bagagem acadêmica e literária: o afrofantástico e o afroafetivo. Na trama, a viagem de Amora ganha contornos de resgate histórico e conexão de identidades.

“A obra transita pelo realismo afrofantástico quando Amora é convidada por uma fada a conhecer seus antepassados e receber uma mensagem deles. Há o elemento da magia. Por outro lado, trago a literatura afroafetiva, expressa no dengo e no cuidado da mãe, no aconchego da avó e no olhar dessa menina para o pai. É uma história moldada pelo afeto e pela ciência”, explica o escritor.

O livro une o trabalho de dois grandes nomes da literatura afro-brasileira contemporânea. O baiano Marcos Cajé é professor e mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Já as ilustrações são assinadas por Lhaiza Morena. Nascida na periferia de Salvador (BA)

a autoestima e o letramento cultural desde a infância.

Ficha Técnica: Pequena Leitora, Grande Escritora / Série / Coleção: Coleção Pequena Leitora / Marcos Cajé | Ilustradora: Lhaiza Morena / 24 págs / Preço de Capa: R\$ 49,90 / Público-alvo: Infantil (Faixa etária: A partir dos 6 anos)

Sobre a Editora Mostarda

A Editora Mostarda nasceu com o compromisso de fortalecer a educação por meio de histórias que ampliem a representatividade e valorizem identidades historicamente invisibilizadas. Seu catálogo inclui a Coleção Black Power, com biografias ilustradas de personalidades negras, e a Coleção Kariri, dedicada a lideranças indígenas brasileiras.

A editora também investe em acessibilidade, com edições em braille e versões com fonte ampliada. Voltado ao público adulto, o selo Referência reúne títulos dedicados à reflexão social e ao desenvolvimento humano. Já o selo Melancia contempla obras para a primeira infância.

Com essas frentes, a Editora Mostarda reafirma seu compromisso com uma produção editorial plural, inclusiva e socialmente engajada. Site: www.editoramostarda.com.br Instagram: @editoramostarda



CARTOGRAFIA VAI MAPEAR COMPOSITORES E COLETIVOS DA SAÚDE MENTAL EM TODO O BRASIL

Festival de Música Doida abre cadastro permanente para artistas ligados à Rede de Atenção Psicossocial e cria um banco de dados inédito

Uma canção escrita durante um tratamento de saúde mental. Um grupo musical formado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Um bloco de carnaval originado em um Centro de Convivência. Produções como essas existem em diversas regiões do país, mas raramente aparecem nos palcos, nos editais ou nos mapeamentos culturais. Para mudar esse cenário, o Festival de Música Doida lançou uma cartografia nacional que vai identificar, reunir e dar visibilidade a compositores(as), grupos musicais, coletivos e blocos carnavalescos vinculados à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A iniciativa, de caráter permanente, recebe inscrições gratuitas durante todo o ano e busca construir um retrato inédito dessa produção artística no Brasil.

A proposta é mais do que um cadastro. Ao reunir informações, fotos, vídeos, releases e biografias, a plataforma passa a funcionar como um banco nacional de dados capaz de fortalecer a circulação desses artistas, estimular intercâmbios e fornecer informações para pesquisadores, produtores culturais e gestores públicos interessados na interface entre cultura e saúde mental. “A cartografia nasceu da necessidade de realizar um mapeamento da produção musical surgida nos dispositivos de saúde mental da re-

forma psiquiátrica brasileira. Queremos revelar compositores, compositoras, coletivos e blocos que existem em todo o país e mostrar que essa produção merece fazer parte da agenda cultural”, afirma Babilak Bah, idealizador e diretor artístico do Festival de Música Doida.

De acordo com Babilak, a proposta também pretende fortalecer o debate sobre políticas públicas voltadas para esse segmento. “O cadastro cria um currículo cultural para esses artistas, amplia sua visibilidade e contribui para demonstrar que existe uma produção consistente, diversa e autoral, que precisa de investimento, reconhecimento e oportunidades de circulação”, destaca o artista.

Atualmente, a cartografia reúne 64 cadastros distribuídos por 11 unidades da federação: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Sergipe, Paraíba, Bahia, Goiás e Distrito Federal. A expectativa é ampliar esse alcance nos próximos anos, consolidando a plataforma como referência nacional para a produção musical ligada à saúde mental.

Para participar, basta acessar festivaldemusicadoida.com.br/cartografia e preencher um formulário com nome artístico, cidade, estilo musical, release, minibiografia, fotografias e vídeos. O cadastro é destinado a compositores, compositoras, grupos e coletivos musicais vinculados à Rede de Atenção Psicossocial e permanece aberto de



forma permanente.

Para Babilak, a cartografia e o festival caminham na mesma direção: ampliar o espaço ocupado por artistas que, durante décadas, permaneceram invisibilizados. “O Festival de Música Doida amplia os ouvidos da sociedade para uma produção construída por pessoas que muitas vezes foram excluídas dos espaços culturais. São músicas que falam do cotidiano, das dores, das alegrias e das estratégias de cuidado. É uma produção genuína, que merece ser conhecida, valorizada e incorporada à vida cultural do país”, afirma ele.

CARTOGRAFIA FESTIVAL DE MÚSICA DOIDA

Quando? Cadastro Permanente
Onde? festivaldemusicadoida.com.br/cartografia
Quanto? Gratuito
Mais detalhes: festivaldemusicadoida.com.br

TERCEIRA EDIÇÃO DO FESTIVAL

A cartografia integra as ações do Festival de Música Doida, que acaba de chegar na terceira edição. Neste ano, o evento será realizado entre 2 e 4 de setembro, em Belo Horizonte. Reconhecido por reunir artistas, usuários dos serviços de saúde mental, trabalhadores, pesquisadores e público em geral, o festival busca fortalecer a luta antimanicomial por meio da música, da arte e da ocupação dos espaços culturais da cidade. A programação contará com mostra de compositores, apresentações musicais, rodas de conversa, instalações artísticas, feira de

economia criativa e o tradicional Palco Aberto. O festival homenageia os trabalhadores(as) da saúde mental, reconhecendo seu papel histórico na construção da reforma psiquiátrica brasileira e do cuidado em liberdade.

3º FESTIVAL DE MÚSICA DOIDA

Quando? 2 a 4 de setembro de 2026
Onde? Funarte Minas Gerais
Quanto? Gratuito (sujeita à lotação)
Mais detalhes: [@festivalmusicadoida](https://twitter.com/festivalmusicadoida)

Com sua ajuda financeira, podemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição ajuda!

Use a chave pix:
laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

E-MAIL:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com



ESTRELA LEMINSKI LANÇA “COMPLETAMENTE POETA” NO SESC PINHEIROS COM PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE GUILHERME ARANTES

Disco apresenta a faceta de compositor de Paulo Leminski

Durante décadas, Paulo Leminski foi celebrado como um dos maiores poetas brasileiros e como letrista de canções gravadas por nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Moraes Moreira, Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Arnaldo Antunes e Ângela Maria. Mas havia outra faceta menos conhecida de sua criação: Leminski também compunha melodias e escrevia canções completas. É justamente esse universo que ganha um novo capítulo com *Completamente Poeta*, álbum de Estrela Leminski @estrelaleminski, que chega às plataformas digitais e em CD no dia 22 de agosto e no dia 23 de agosto, domingo, às 18 horas, ganha o palco do Teatro Paulo Autran, no Sesc Pinheiros, para um show que contará com a participação especial de Guilherme Arantes.

Doze anos depois do lançamento de *Leminskanções* (2014) — trabalho que revelou ao público a dimensão de Paulo Leminski como compositor —, Estrela amplia essa pesquisa reunindo canções inéditas e novas interpretações de obras do pai, reafirmando a música como parte essencial de seu legado artístico. O título do álbum nasce de uma ironia do próprio Leminski. “Completamente Poeta” é também o nome de uma de suas canções e sintetiza o espírito do projeto: mostrar que, para além da literatura, sua produção musical sempre ocupou um lugar central em sua criação.

“O que permeia esse trabalho é a intimidade. Cresci ouvindo essas canções dentro de casa. Todo mundo conhece o universo racional do meu pai, a poesia, os textos, mas a música revelava seu lado mais afetivo, mais emocional. Este é um disco profundamente amoroso. É um gesto de amor à vida, ao meu pai, à nossa história como família, a mim como filha e também à Alice”, afirma

Estrela Leminski.

O repertório reúne onze faixas. Nove são composições de Paulo Leminski; uma delas apresenta um poema de Vladimir Maiakóvski, traduzido por Haroldo de Campos e musicado pelo poeta; outra revisita “Xixi nas Estrelas”, clássico infantil composto em parceria com Guilherme Arantes. A produção musical é assinada por Gustavo Ruiz, vencedor de prêmios Grammy e filho do jornalista e músico Luiz Chagas, um dos primeiros admiradores da produção musical de Leminski. Ao lado da direção musical de Téo Ruiz, Gustavo construiu arranjos que aproximam essas composições de uma estética pop contemporânea, preservando a força literária e melódica das canções.

O disco reúne ainda um elenco de convidados que evidencia a diversidade estética da obra de Leminski. Participam Manoel Cordeiro, Maurício Badé, Léo Fressato, Janine Mathias, Maurício Pereira, Vítor Ramil, Guilherme Arantes, Tulipa Ruiz e Ná Ozzetti. As gravações têm como base instrumental Gustavo Ruiz, Téo Ruiz, Danilo Penteado e Gabriel Basile, integrante da banda O Terno.

Um disco criado à mão

Completamente Poeta também propõe uma reflexão sobre os modos de produzir arte. Em um momento em que processos criativos são cada vez mais mediados pela inteligência artificial e pela produção digital, Estrela decidiu seguir o caminho oposto. Todo o conceito visual do álbum foi desenvolvido artesanalmente, utilizando papel, colagens, fotografias em filme, selos, texturas e impressão em risografia.

A escolha dialoga diretamente com o universo vivido por Paulo Leminski. Durante boa parte da vida, o poeta escreveu em máquina de escrever, produziu seus manus-



critos em papel e viveu antes da presença cotidiana dos computadores. O ambiente doméstico da família era profundamente analógico, e esse espírito foi preservado em cada detalhe gráfico do projeto. A capa, assinada por Luísa Barros, utiliza colagens feitas manualmente, enquanto o encarte resgata uma estética inspirada nas décadas de 1970 e 1980, recriando visualmente o ambiente artístico em que Leminski viveu e produziu sua obra.

SERVIÇO: ESTRELA LEMINSKI NO SESC PINHEIROS / Part. especial:

Guilherme Arantes / Data e horário: 23 de agosto, domingo, às 18 horas / **Sesc Pinheiros - Teatro Paulo Autran** - Rua Paes Leme, 195 - Pinheiros - São Paulo - SP / Preços: R\$ 18 (credencial plena), R\$ 30 (meia) e R\$ 60 (inteira)

FICHA TÉCNICA DO SHOW NO SESC: Estrela Leminski – voz, Téo Ruiz – voz e guitarra, Ruan de Castro – guitarra, Gustavo Slomp – Bateria, Matê Magnabosco – Percussão, Douglas Vicente, Bateria Lua Karam e Cristina Dietrich – Backing vocals, Fernanda Cordeiro, Denusa Castell e Nicolas Salazar – Sopros / Participação especial – Guilherme Arantes

Boa revista literária se faz com livros, mas principalmente com as editoras que os produzem!

...e as melhores estão conosco....

Confira em nossas edições
paginaleste.wordpress.com

LACRE
Literatura, arte, cultura & records

ROMANCE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PERCORRE UNIDADES DO SESC RJ COM RODAS DE LEITURA E CONVERSA

Selecionado pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar, “Açougueira”, de Marina Monteiro, promove encontros com a autora e a atriz Tatjana Vereza, com leituras dramáticas e acessibilidade em Libras.

O romance de estreia da escritora e dramaturga gaúcha Marina Monteiro (@marina-almeidamonteiro), “Açougueira” (editora Claraboia @editora-claraboia, 148 pág.), ganha uma circulação especial pelo estado do Rio de Janeiro. Selecionado pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar, o projeto promove 10 rodas de leitura e conversa em unidades do Sesc RJ @sescrj, com a participação da autora e da atriz Tatjana Vereza, que fará leituras de trechos do livro. A entrada é gratuita e todas as atividades contam com acessibilidade em Libras.

A circulação começa no dia 18 de agosto, às 19h, no Sesc Três Rios, e segue no dia 19, às 15h, no Centro Cultural Sesc Quitandinha, em Petrópolis. No dia 20, às 19h, a roda acontece no Sesc Tijuca; no dia 21, às 17h, no Sesc Nova Iguaçu; e no dia 22, às 15h, no Sesc São João de Meriti. Na semana seguinte, a programação retoma no dia 24, às 15h, no Sesc Botafogo – Biblioteca Machado de Assis; no dia 25, às 15h, no Sesc Madureira; no dia 26, às 14h, no Sesc Duque de Caxias; no dia 27, às 15h, no Sesc Niterói; e se encerra no dia 28 de agosto, às 18h, no Sesc Barra Mansa.

Publicado em 2024 e finalista dos prêmios Açorianos e Minuano de Literatura 2025, “Açougueira” venceu os prêmios Cruz e Sousa (2º lugar), Loba e Academia Rio-Grandense de Letras (Troféu Alcides Maya). A obra mergulha na complexidade da violência doméstica e na condenação prévia da mulher em uma sociedade marcada pelo machismo. O enredo acompanha o depoimento de uma mulher que, suspeita pelo assassinato do marido em uma cidadezinha interiorana, narra sua trajetória perante uma autoridade – enquanto vizinhos e

conhecidos tecem falas atravessadas por preconceito e fofoca.

A estrutura narrativa, que alterna o testemunho da protagonista com as vozes de uma espécie de “coro” de vizinhos, evidencia o isolamento e a culpabilização da vítima. “Comecei a observar como a Justiça prontamente já coloca essa mulher no centro do palco de acusação. Tirar a vida de alguém é um crime que precisa ser punido, assim como violentar uma mulher, física ou psicologicamente, também deve ser. Mas o que acaba acontecendo, na maioria das vezes, é uma culpabilização da vítima”, afirma Marina Monteiro.

A obra também aborda tradições sociais, relações familiares, paixão, desejo e o poder sobre a narrativa – quem tem o direito de contar a própria história. “Para além disso, acho que o livro traz esse movimento constante de uma mulher que persegue o desejo de ser e sobretudo de fazer diferente e mudar as estruturas”, revela a autora.

Da dramaturgia ao romance

“Açougueira” nasceu de uma dramaturgia intitulada Carne de Segunda, escrita por Marina em 2020 e encenada no Rio de Janeiro em 2022, com atuação de Tatjana Vereza e direção de Natasha Corbelino. A passagem do texto teatral para o romance, segundo a autora, foi um desafio de linguagem. “Tive uma grande trava porque cisme que queria me distanciar do teatro, fiquei três meses longe da escrita, e depois percebi que era uma bobagem, pois era da dramaturgia que vinha o romance”, conta.

Natural de Porto Alegre (RS), Marina Monteiro vive atualmente entre Florianópolis (SC) e o Rio de Janeiro (RJ). É formada em Licenciatura em Educação Artística – habilitação em Artes Cênicas pela UDESC e bacharela em Filosofia pela UFRJ. Atua como atriz, arte-educadora, produ-



tora e gestora cultural desde 2001. É autora dos livros de contos Em nossa cidade amarelinha era sapata (vencedor do Prêmio AGES), Contos de vista Pontos de queda (vencedor do Prêmio Minuano e indicado ao Açorianos) e do livro de formato híbrido Comendo borboletas Azuis. Em 2026, lança seu terceiro livro de contos, rebo, vencedor do Prêmio Caio Fernando Abreu do Mix Literário.

Cada roda de leitura e conversa tem duração de aproximadamente 1 hora, com abertura para perguntas e interação com a plateia após as leituras. A classificação indicativa é de 14 anos.

SERVIÇO – PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO PROJETO “AÇOUGUEIRA” NO SESC RJ:

● 18/08 (terça), 19h – Sesc Três

Rios

- 19/08 (quarta), 15h – Centro Cultural Sesc Quitandinha
- 20/08 (quinta), 19h – Sesc Tijuca
- 21/08 (sexta), 17h – Sesc Nova Iguaçu
- 22/08 (sábado), 15h – Sesc São João de Meriti
- 24/08 (segunda), 15h – Sesc Botafogo – Biblioteca Machado de Assis
- 25/08 (terça), 15h – Sesc Madureira
- 26/08 (quarta), 14h – Sesc Duque de Caxias
- 27/08 (quinta), 15h – Sesc Niterói
- 28/08 (sexta), 18h – Sesc Barra Mansa

Entrada gratuita | Acessibilidade em Libras

● Karoline Lopes e Marcela Güther

FESTA GRATUITA NO BOM RETIRO: CASA DO POVO REALIZA FESTA NA RUA COM APRESENTAÇÕES CULTURAIS, OFICINAS, FEIRA, BRINCADEIRAS E ALMOÇO COM 500 REFEIÇÕES GRATUITAS



Programação da festa ERUV será realizada na Rua Três Rios, durante todo o sábado, 22 de agosto, com abertura na sexta, 21 de agosto

Um convite a desacelerar na capital do movimento: nos dias 21 e 22 de agosto (sexta e sábado), um dos mais agitados centros comerciais, gastronômicos e culturais de São Paulo vai fazer uma pausa.

Quem convida a diminuir o ritmo é a Casa do Povo, que vai celebrar o Bom Retiro com a 5ª edição da festa ERUV, integralmente gratuita e aberta a todos. O encontro reúne as diferentes nacionalidades, tradições e expressões culturais, artísticas e esportivas que fazem do bairro um dos mais importantes e expressivos da capital paulista.

A programação diversificada que vai ocupar a Rua Três Rios contará com apresentações musicais e de teatro, oficinas culturais e artesanais,

feira, brincadeiras de rua, bingo e um almoço com 500 refeições gratuitas preparadas pela Ocupação 9 de Julho e pela cozinheira Graziela Tavares. O encerramento será com a Bateria da Gaviões da Fiel.

A Casa do Povo se une a uma ampla rede de iniciativas do Bom Retiro - de instituições culturais como o Sesc Bom Retiro, a Pinacoteca de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa e o Complexo Cultural Oswald de Andrade, além de escolas públicas, coletivos artísticos, grupos comunitários, comerciantes, artistas e moradores - para mudar temporariamente o ritmo frenético do dia a dia, com um evento que pensa o descanso de maneira compartilhada, coletiva e em forma de festa. A data da celebração, sempre em agosto, também comemora o aniversário da Casa do Povo, que chega aos 80 anos

em 2026.

“No lugar de carros e passos apressados, durante o ERUV esse espaço de passagem vira espaço de encontro, de convivência e de compartilhamento. É um momento em que toda a profusão cultural do Bom Retiro se reúne e se entrelaça a partir do conceito do Eruv, que nos traz a oportunidade de transformar a rua em casa e de se relacionar com o bairro e com a vizinhança de forma mais consciente e profunda”, resume Caio Lescher, curador da Casa do Povo.

Eruv, em hebraico, significa mistura, e é um conceito do judaísmo que cria um espaço temporário nas ruas durante o shabat - o sábado, conhecido como o dia de descanso.

Programação transcultural

A abertura do ERUV será na sexta, dia 21 de agosto, às 17 horas, no SESC Bom Reti-

ro, com a apresentação musical de Guaraci Tupi, artista indígena da Tekoá Pakowaty. Às 19 horas, o público será convidado para um cortejo que seguirá até o Oswald de Andrade entoando músicas lentas de shabat e nigunim, marcando, simbolicamente, a entrada no dia do descanso e, literalmente, no território temporário do Eruv, cuja fronteira no bairro está no pontilhão da Rua Silva Pinto, por onde passará o cortejo.

No Oswald, a chegada será marcada por uma breve apresentação musical e um Kidush — refeição que marca o início do shabat — com sopa preparada pelo cozinheiro Arthur Salim.

No dia 22 de agosto, a programação na Rua Três Rios terá início às 9 horas com um café da manhã compartilhado e segue até as 19 horas com atividades como Bingo do Povo, Oficina de Postais do Bom Retiro, Feira de Economia Solidária

e um Espaço de Brincadeiras de Rua

Das 13 às 15 horas, a Ocupação 9 de Julho e a cozinheira Graziela Tavares se juntam para o preparo de uma refeição coletiva para 500 pessoas. A receita tradicional do ERUV é o tcholent, uma feijoada judaica servida em versão vegetariana e com frango. A proposta é misturar as tradições brasileiras e judaicas de se comer feijoada aos sábados.

A rica programação na Rua Três Rios durante todo o sábado também contará com atividades promovidas por diversas iniciativas do bairro, com apresentações do Coral das Mães Coreanas, do Coral Tradição e da Associação Brasileira de Dança Tradicional Coreana. A festa também tem participação de artistas com as performances 'Quadrilátero da Fragilidade', de Caio Vrau, e Uma Hora para Dançar na

Rua, de Eugênio Lima, uma oficina de dança com a coreógrafa Maria Noujaim, um ensaio fotográfico de Luiza Sigulem e a obra interativa Massagem Social, de Gui Teixeira

Dentro da Casa do Povo serão realizadas oficina de pães, badminton, roda de conversa sobre as novas coleções de livros em ídiche na Casa do Povo, o lançamento do livro 'Documentos Populares e Arquivos de Movimentos Sociais', de Jean Camoleze, além de uma exposição sobre a memória da Favela do Moinho, conhecida como última favela do centro de São Paulo.

O encerramento do ERUV traz um tom bem brasileiro à festa, com apresentação da Bateria da Gaviões da Fiel, às 19 horas.

Sobre a Casa do Povo

A Casa do Povo é um centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comu-

nidade e memória. Fundada a partir de uma associação cultural sem fins lucrativos logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, foi erguida por parcela da comunidade judaica então chamada de "progressista", originária da Europa Oriental, politicamente engajada e instalada majoritariamente no bairro do Bom Retiro. Habitada por uma dezena de grupos, movimentos e coletivos, alguns há décadas e outros mais recentes, a Casa do Povo atua no campo expandido da cultura. Sua programação transdisciplinar, processual e engajada entende a arte como ferramenta crítica dentro de um processo de transformação social. Sem grade fixa de programação e com horários flexíveis, a Casa do Povo se adapta às necessidades de cada projeto, de forma a atender tanto associações do bairro quanto pro-

postas artísticas fora dos padrões. Seus eixos de trabalho (memória, práticas coletivas, diálogo e envolvimento com o seu entorno) são pensados a partir do contexto contemporâneo em relação direta com suas premissas históricas, judaicas e humanistas.

SERVIÇO ERUV 2026 | Dias 21 e 22 de agosto Evento gratuito, aberto ao público Dia 21 de agosto, das 18 às 22 horas Local: SESC Bom Retiro [Al. Nothmann, 185 - Campos Elíseos] – depois da abertura no SESC Bom Retiro, um cortejo seguirá para o Complexo Cultural Oswald de Andrade Dia 22 de agosto, das 9 às 20 horas Local: Casa do Povo [Rua Três Rios, 252 - Bom Retiro] (11) 95309-4766

info@casadopovo.org.br | casadopovo.org.br | [@casadopovo](https://www.instagram.com/casadopovo)

Por: CH2A Comunicação | @ch2a-comunicacao

PROGRAMAÇÃO ERUV 2026

DIA 21 DE AGOSTO, SEXTA-FEIRA SESC BOM RETIRO

18h: Awá Dipoká - Guerreiro da Lança [Programação em parceria com o Sesc Bom Retiro] / O show Awá Dipoká – Guerreiro da Lança é uma experiência artística que conecta música, ancestralidade e espiritualidade, conduzida pelo artista indígena Guaraci Tupi, da Tekoá Pakowaty (Terra Indígena Bananal, em Peruibe-SP). Por meio de composições autorais, ritmos tradicionais, cantos sagrados e rezos de cura, Guaraci une os saberes originários à cena contemporânea. Uma apresentação viva que transforma a escuta do território em resistência, memória e celebração da cultura indígena.

SAÍDA DO SESC BOM RETIRO, CHEGADA NO EDIFÍCIO OSWALD DE ANDRADE

19h: Cortejo - Bloco Klezmer [Programação em parceria com o Sesc Bom Retiro] / O Bloco Klezmer do Bom Retiro é formado por um coletivo de músicos klezmer e artistas ídiches, Entre metais, sopros, percussões e sanfonas, o bloco combina ritmos tradicionais do klezmer com a folia carnavalesca e a música popular brasileira. Nesse cortejo performático, a proposta é percorrer as ruas do Bom Retiro com músicas lentas, ritualizando a entrada no dia do descanso e do início do ERUV. O cortejo acontece pela rua até o Edifício Oswald de Andrade.

- 20h às 21h30: Kidush - performance e refeição coletiva após a chegada do cortejo. O público será acolhido no jardim do Edifício Oswald de Andrade para celebrar a entrada no descanso e compartilhará uma sopa quentinha preparada pelo cozinheiro Arthur Salim.

DIA 22 DE AGOSTO, SÁBADO

RUA TRÊS RIOS – LOCAL DE REFERÊNCIA: CASA DO POVO

9 às 10h30: Café da manhã

10h às 13h: Postais do Bom Retiro — Arquivo Histórico Municipal

Oficina para enviar cartões postais com imagens históricas do bairro encontradas no Arquivo Histórico Municipal, que fica Praça Coronel Fernando Prestes. Os participantes poderão escolher suas imagens favoritas, escrever mensagens e o AHM organiza o envio pelo correio.

10h às 16h: Estação de reparo e manutenção de bicicletas — Oficina

Mão na Roda / Você tem uma bicicleta precisando de reparos? Pedala muito e quer ter mais autonomia para arrumar o que quebra no caminho? Traga sua bike para o ERUV! Quem estará por aqui te esperando é a Oficina Mão na Roda, espaço comunitário auto-organizado por voluntários que funciona no CCSP, traz suas ferramentas e orientações para ensinar ciclistas a fazerem a manutenção nas próprias bicicletas.

10h às 17h: Massagem Social, 2022 — Gui Teixeira e Pinacoteca de São Paulo / A Pinacoteca de São Paulo traz para o Eruv a obra Massagem Social, de Gui Teixeira. O trabalho é inspirado no exercício do círculo de massagem proposto por Augusto Boal no livro 200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não Ator com Vontade de Dizer Algo através do Teatro (1978), criado para fortalecer os vínculos de confiança e cuidado entre os participantes. A escultura é composta por dez cadeiras de massagem rápida dispostas em círculo, convidando o público a oferecer e receber massagens. Ao transpor esse exercício coletivo para o espaço público, a obra propõe uma experiência de encontro, reciprocidade e cuidado.

Gui Teixeira (São Paulo, 1977) é artista visual, mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP, 2010) e bacharel em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, 1999). Em 2026, foi convidado para o projeto Uma Obra, da Pinacoteca de São Paulo

10 às 12h: Como cuidar da memória de um bairro? — O Bom Retiro é o Mundo / O Coletivo Bom Retiro é o Mundo instala um ateliê móvel na rua para reunir cartas, sussurros, objetos, jogos e pequenas histórias inspiradas pelo território. Entre exercícios de imaginação e escuta, a atividade convida moradores e visitantes a criar um arquivo afetivo do Bom Retiro, revelando que um bairro também é feito das lembranças, dos vínculos e das narrativas compartilhadas por quem o habita..

10h30 às 12h: Falas do Corpo — Museu da Língua Portuguesa / O projeto Falas do Corpo vai de encontro a um dos objetivos do Museu da Língua Portuguesa, que é garantir uma vida mais saudável e promover o bem-estar para todas as pessoas. Com aulas de yoga, alongamento, funcional e dança, o convite está feito para todo mundo mexer o corpo, cuidar da saúde e trocar boas energias, inclusive a galera da melhor idade.

10h30 às 15h / Fotografia, Jeito de Corpo — Luiza Sigulem / Jeito de

Corpo é um projeto que possui questões norteadoras sobre a diversidade dos corpos, a história do retrato e a circulação em espaços públicos por pessoas portadoras de deficiência. As fotografias são produzidas em avenidas, praças, parques, estações de ônibus e metrô, em lugares de grande circulação da cidade de São Paulo que a artista, que possui mobilidade reduzida, consegue acessar com sua cadeira de rodas. Nestes espaços é montado um fundo infinito (dois tripés e um tecido) de 1,40m x 1,70m, e são convidadas, ao acaso, pessoas que estejam circulando pelo local a posarem para o trabalho. Caso aceitem o convite, devem tentar “adaptar-se” ao espaço do fundo infinito, aproximando-se, assim, da altura da artista na cadeira de rodas.

11h às 13h: Bingo do Povo / E o povo vai à loucura! O bingo sempre foi uma parte icônica dos aniversários da Casa do Povo, e essa tradição segue fazendo parte do ERUV. Ele acontece na rua, em frente à entrada do prédio, e reúne prêmios de lojas, restaurantes e coletivos parceiros da vizinhança para celebrar o bairro do Bom Retiro.

11h às 16h: Espaço de Brincadeiras — Emei Alceu Maynard e pelo SESC Bom Retiro / [Programação em parceria com o Sesc Bom Retiro] / A rua também é lugar de brincar! O ERUV tem uma programação dedicada às brincadeiras ao ar livre tão comuns nos bairros, como amarelinha, bambolê, corda, bola de sabão e outros jogos.

11h às 18 horas: Feirinha de economia solidária / Espaço que funciona ao longo do dia todo e reúne pequenos produtores de artesanato, comida, orgânicos e papelaria. Com Grupo Flor de Kantuta, Grupo Autônomas do Bom Retiro o Cerzindo, Projeto TEAR, Programa ITCUP/USP e outros.

13h às 15h: Almoço — Ocupação 9 de Julho e Graziela Tavares / O almoço é o centro da festa, porque é o alimento que instaura o Eruv: a partir de seu compartilhamento é que se estabelece um território comum. A Ocupação 9 de Julho e a cozinheira Graziela Tavares se juntam mais uma vez para o preparo de uma refeição coletiva gratuita para 500 pessoas. A receita tradicional do ERUV é o tcholent, uma espécie de feijoada judaica (afinal, é sábado!) servida com frango ou em versão vegetariana.

13h30 às 16h30: Raízes do Brincar: vivência coletiva com brinquedos e brincadeiras populares — Cia Charis / [Programação em parceria com o Sesc Bom Retiro] / Raízes do Brincar é uma proposta de vivência cultural e itinerante voltada para crianças, famílias e público espontâneo. A ação é conduzida pela Cia Charis e parte de um carrinho cheio de brinquedos tradicionais da cultura popular, convidando o público para um encontro vivo com ioiôs, cordas, vai-e-vens e outros elementos de mediação, como uma saia gigante, que transformam o espaço em lugar de encontro e imaginação. Mais do que ensinar as regras, a proposta valoriza o livre brincar e a vivência do brincar como herança cultural e prática coletiva.

14h às 15h: Roda de Choro — Consulado do Choro / O Consulado do Choro existe no bairro da Luz há mais de quarenta anos, reunindo chorões, boa música e um leque de causos da região, que é atravessada por uma pulsante vida musical desde a origem do samba até os dias de hoje.

15h: Apresentação — Associação Brasileira de Dança Tradicional Coreana / Apresentação de danças tradicionais coreanas, como Salmonori e dança de leques. A associação tem suas atividades estabelecidas no bairro do Bom Retiro desde o início do seu projeto, estando presente na região há aproximadamente uma década.

15h às 17h: Simultânea de Xadrez — Clube de Xadrez Três Rios e Escola de Xadrez França Garcia / Para algumas pessoas do bairro, o ERUV ficou conhecido como a festa do xadrez. E não é por menos! A cada edição, o Clube de Xadrez Três Rios, que se reúne semanalmente na Casa do Povo, se une à APM da Escola de Xadrez França Garcia e propõe uma simultânea no meio da rua com um mestre convidado.

Nesta edição, o Mestre Internacional Jefferson Pelikian enfrentará até 25 oponentes ao mesmo tempo. Em outras edições, já recebemos Juliana Terão, Renato Quintiliano e Wagner Madeira.

15h às 16h: Bom Retiro em Peças — Escola de Arte Jayu / A Escola de Arte Jayu, espaço de criatividade e expressão no Bom Retiro, apresenta uma oficina lúdica voltada para o público infantil. Na atividade, as crianças são convidadas a ilustrar o que há de mais significativo para elas no

bairro: seus lugares favoritos, sabores, cores ou memórias afetivas. Ao transformarem seus desenhos em quebra-cabeças artesanais, elas reconstroem, peça por peça, sua própria história e sua relação de pertencimento com esse território.

15h às 16h: Circo Luz — Instituto Luz / Inaugurado em julho de 2026, o Circo Luz é o mais novo circo público e equipamento cultural da cidade de São Paulo. Localizado no Bom Retiro e gerido pelo Instituto Luz, o espaço amplia o acesso às artes circenses e fortalece a produção cultural na região central por meio de atividades de formação, criação e apresentações abertas ao público. No ERUV, ocupa a Rua Três Rios com uma intervenção que reúne palhaçaria, música ao vivo e improvisação. Em diálogo constante com o público, artistas transformam a rua em um picadeiro a céu aberto, convidando crianças e adultos a participar de jogos, demonstrações circenses e momentos de criação coletiva.

15h às 17h: Estação Gráfica — Parquinho Gráfico / Espaço de produção faça-você-mesmo que reúne impressões em papel e tecido e oficina de carimbos.

15h30: Apresentação — Coral Tradição / Uma música na ponta da língua pode criar um mundo! O Coral Tradição canta exclusivamente em ídiche, língua da diáspora judaica do leste europeu, e desenvolve suas atividades na Casa do Povo desde 1988. Regido pela maestrina Hugueta Sendacz, que completa 100 anos em outubro de 2026.

16h: Apresentação — Coral das Mães Coreanas / O Coral é integrante do Povo da Casa e ensaia por aqui toda segunda-feira. No Eruv, apresenta uma seleção de canções de seu repertório em coreano. Conduzido pelo maestro Samuel Kim e com Shin Ja Kim ao piano

16h30 às 17h30: Oficina — Campo Escola de Movimento e EMEI Alceu Maynard / O Campo Escola de Movimento participa do ERUV com uma oficina e uma apresentação que convida crianças e famílias a experimentarem a dança como espaço de imaginação e criação coletiva. Na oficina Jogo de Dança, conduzida pela artista, educadora e coreógrafa Maria Noujaim, um baralho de cartas propõe combinações de movimentos para inventar corpos, seres fantásticos e paisagens imaginárias. A programação inclui ainda Teia dos Bichos, criação coreográfica desenvolvida pela artista junto à crianças da EMEI Prof. Alceu Maynard de Araújo como resultado do projeto Dança nas Escolas, realizado ao longo de três meses no Bom Retiro.

17h30: Quadrilátero da Fragilidade — Caio César, com organização do Boxe Autônomo / Uma peça em que o artista convida um boxeador profissional para lutar, e durante o combate, discutem sobre a fragilidade enquanto trocam socos. A ação propõe que os dois participantes, Caio Vrau e Boxeador Profissional, enfrentem seus medos, expectativas e silêncios, transformando essa luta em um encontro simbólico, onde as palavras se tornam golpes e a fragilidade se converte em força. Direção e dramaturgia: Caio Vrau e Mariana Gil Rios. Treinador: Michel “Micha” Soares.

18h: Apresentação — Comunidad Autóctona Vientos del Ande / Grupo musical e cultural que se dedica à preservação, difusão e valorização da música e das tradições ancestrais dos povos andinos.

18h30: 1 Hora para Dançar na Rua — Eugênio Lima / Uma performance que transforma um trecho da Rua Três Rios em pista de dança por sessenta minutos. Entre a montagem e a desmontagem da pista, que também fazem parte da obra, um cronômetro marca o tempo, uma sirene anuncia o início e o fim da ação, e o convite é simples: dançar do seu jeito. Reconhecido por uma trajetória que articula música, teatro, literatura e pensamento crítico, Eugênio propõe uma experiência em que a celebração se torna uma forma de ocupar o espaço público. Em diálogo com o espírito do ERUV, a performance reivindica o direito de celebrar e lembra que dançar e celebrar também podem ser gestos políticos.

19h30: Encerramento — Bateria da Gaviões da Fiel

DENTRO DA CASA DO POVO

TÉRREO

10h30: Oficina de Pães / Oficina em que o cozinheiro e padeiro Arthur Salim vai ensinar na prática a como fazer a Chalá, pão tradicional judaico.

Os participantes vão colocar a mão na massa e podem levar o pão para casa.

1º ANDAR

15h30: Lançamento do livro Documentos Populares e Arquivos de Movimentos Sociais — Jean Camoleze. / Neste livro, Jean Camoleze investiga a constituição dos documentos populares e dos arquivos produzidos por movimentos sociais, analisando suas especificidades, seus processos de formação e seu papel na construção da memória coletiva. A partir de uma sólida fundamentação teórica, articulada à experiência prática junto a arquivos comunitários e populares, a obra propõe uma leitura crítica da Arquivologia contemporânea, aproximando-a das demandas por justiça social, participação democrática e direito à memória.

O dia todo: Exposição e documentário — Favela do Moinho / A Favela do Moinho, última favela do centro de São Paulo, vive um intenso processo de remoções e resistência. No ERUV, o Centro de Memória e Resistência da Favela do Moinho apresenta uma exposição sobre a história, a luta e o cotidiano da comunidade, afirmando a importância de preservar sua memória e seu direito à cidade. A atividade inclui ainda a exibição do documentário produzido por Caio Castor e Gabi Moncau, que acompanha a mobilização das moradoras e moradores diante das ameaças de despejo e dos conflitos em torno do futuro do território. Um convite para conhecer essa história e refletir sobre os desafios da moradia, da permanência e da construção de cidades mais justas.

BIBLIOTECA

11h às 13h: Trupe ídiche / Conversa com Sylvio Band e Henri Acselrad sobre as novas coleções de livros em ídiche na Casa do Povo.

2º ANDAR

11h às 16h: Badminton / Jogo aberto deste esporte que é muito praticado em praças e parques do bairro, mediada por educadores do Sesc Bom Retiro.

PROGRAMAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL OSWALD DE ANDRADE PARA O ERUV

9h às 15 horas: Feira de Inclusão Produtiva / Feira da Fundação Porta Aberta, que promove a qualificação profissional para a reinserção social e produtiva de pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social, em especial, as que estão em tratamento do uso nocivo de álcool e outras drogas.

10h às 18h: Mergulhadoras de Jeju: patrimônio em profundidade / Nas águas que cercam a Ilha de Jeju, na Coreia do Sul, gerações de mulheres construíram uma cultura única, pautada na coletividade, no respeito à natureza e no matriarcado, sendo considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2016. As Jeju Haenyeo - “mulheres do mar” em coreano - mergulham sem equipamentos de respiração, guiadas por conhecimentos ancestrais e por uma técnica de respiração singular, extraindo o seu sustento e de suas famílias, preservando o ecossistema marinho por meio de um sistema de colheita sustentável. Por meio de fotografia e vídeo, essa exposição convida o público a conhecer esse modo de vida singular, refletindo sobre a preservação dos

patrimônios culturais vivos e sobre as relações entre natureza, tradição e identidade.

10h30 às 12h: Aula aberta de Tai Chi Chuan: Corpo, Cultura e Conhecimento / O Tai Chi Chuan é uma arte corporal chinesa que reúne movimento, filosofia e tradição. Criado como arte marcial, tornou-se ao longo dos séculos uma prática reconhecida por desenvolver equilíbrio, coordenação, consciência corporal e qualidade de vida, sem perder sua essência marcial e seu profundo vínculo com a cultura chinesa. Nesta aula de 1h30, os participantes terão uma vivência prática dos fundamentos do Taijiquan da família Chen, a linhagem mais antiga da modalidade. A proposta combina exercícios de alinhamento corporal, respiração, deslocamentos e movimentos. Mais do que executar movimentos lentos, o Tai Chi Chuan ensina a organizar o corpo de forma eficiente. Cada gesto nasce da relação entre estabilidade e mobilidade, firmeza e suavidade, intenção e ação. Também serão apresentados aspectos históricos e culturais do Taijiquan, contextualizando sua origem na aldeia de Chenjiagou e sua importância como uma das expressões mais representativas da cultura tradicional chinesa. A aula é aberta a todos os públicos e não exige experiência prévia.

11h: Abertura da exposição Maternidade Negra à Luz / 12h às 13h: Conversa e visita guiada com a artista Lubiana Prates e a curadora Renata Felinto / Projeto fotográfico inédito, com curadoria de Renata Felinto, apresenta retratos de mães negras e seus filhos, questiona estereótipos históricos e propõe outras formas de ver e representar a maternidade negra contemporânea. Idealizado pela artista visual e escritora Lubi Prates, com curadoria da pesquisadora e artista Renata Felinto, o projeto “Maternidade Negra à Luz” apresenta uma exposição fotográfica inédita que investiga novas formas de representar mães negras na contemporaneidade. A mostra reúne cerca de 50 fotografias em fine art, produzidas a partir de um processo sensível de pesquisa e criação, e propõe uma ruptura com os modelos visuais que, por séculos, reduziram mulheres negras a papéis subalternizados.

13h: Exibição do documentário Haenyeo - A Força do Mar de Lygia Barbosa / O premiado fotógrafo brasileiro Luciano Candisani embarca em uma nova jornada, interessado pela história de um grupo de mulheres que vivem do mar. Ele vai retratar o trabalho diário dessas heroínas e trazer a consciência para uma necessidade vital dos tempos modernos: a sustentabilidade. Candisani parte para uma ilha na Coreia do Sul chamada Jeju, onde ele encontra as Haenyeos, as mulheres do mar.

15h: Roda de conversa “Mulheres na rua: caminhar para transformar” — coletivo Mulheres e a Cidade Fachada / Nesta roda de conversa, vamos percorrer a história de como as mulheres conquistaram e ainda conquistam seu lugar nos espaços públicos, passando pelos desafios que insistem em nos lembrar que segurança, representatividade e liberdade de ir e vir ainda são pautas em disputa. Mas mais do que revisitar o passado, a proposta é entender o caminhar como gesto inspirador e transformador: um ato individual que, multiplicado, vira movimento coletivo capaz de reescrever a cidade.



CAIXA CULTURAL RJ APRESENTA A MOSTRA “CURTA NO ALMOÇO”



Na sequência: A Jornada do Valente; Cartola (Chega de Demanda); No Mar e Nação Comprimido. Abaixo: As Marias; Cidade Afluente e Lapso

“Curta no Almoço” transforma a pausa diária em uma viagem pelo Brasil através de micro sessões de curtas no Centro da Cidade

Projeto na CAIXA Cultural Rio de Janeiro chega à 13ª edição com sessões gratuitas de curtas-metragens que revelam a diversidade do audiovisual brasileiro e o formato que lançou grandes cineastas.

Em uma cidade onde o relógio costuma ditar o ritmo das pessoas, a pausa para o almoço ganha um novo significado. De 1 a 25 de setembro, a CAIXA Cultural Rio de Janeiro transforma alguns minutos do dia de quem trabalha ou circula pelo Centro em um encontro com o cinema brasileiro. A 13ª edição da mostra reúne 20 curtas-metragens, com entrada gratuita em três sessões diárias, de terça a sexta-feira, às 12h, 12h45 e 13h30, convidando o público a trocar a rotina por uma experiência cultural acessível e surpreendente. Todos os filmes foram exibidos e/ou premiados em diversos festivais no Brasil e no exterior. **A programação completa já pode ser conferida em www.curtaocurta.com e em Rio de Janeiro | CAIXA Cultural.**

O evento propõe uma viagem pelo Brasil por meio de múltiplas narrativas, enquadramentos e trilhas sonoras. Filmes de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraíba, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Distrito Federal serão exibidos nas três sessões diárias. Eles revelam a riqueza estética e sócio-cultural que ca-



racteriza o cinema brasileiro contemporâneo. De terça a sexta, documentários, ficções, animações e obras híbridas apresentam personagens, sotaques, paisagens e experiências que refletem a pluralidade do nosso país e demonstram como o curta-metragem se tornou uma eclética e popular forma de livre-expressão.

Embora o longa-metragem ocupe a maior parte das salas comerciais, foi o curta que ajudou a construir a história do cinema. Nas primeiras décadas da sétima arte, praticamente toda a produção cinematográfica era composta por filmes de curta duração. Com o passar do tempo, o formato consolidou-se como território de experimentação, liberdade criativa e descoberta de novos talentos. Cineastas como Martin Scorsese, Tim Burton, Guillermo del Toro e, no Brasil, Jorge Furtado, Anna Muylaert, Kleber Mendonça Filho, Petra Costa e tantos outros fizeram e fazem curtas antes de alcançarem reconhecimento com longas.

“As pessoas em geral vão ao cinema para assistir a longas, já a mostra ‘Curta no Almoço’ nasceu para exibir curtas maravilhosos num horário exótico, para uma plateia eclética, de trabalhadores do centro da cidade, buscando formar mais público para o nosso cinema”, comenta o idealizador da mostra Guilherme Whi-



taker.

Os 20 curtas da mostra evidenciam a diversidade temática e a excelência técnica e estética da produção nacional, como: **A Jornada do Valente**, sobre o compositor Assis Valente; **Chega de Demanda** / Cartola, clássico de 1975 dirigido pelo mestre Roberto Moura, sobre o aclamado sambista mangueirense; **No Mar**, que acompanha um professor com deficiência física durante uma travessia em mar aberto; **Nação Comprimido**, comédia dramática sobre o envelhecimento da população LGBTQIA+; **As Marias**, sobre a vida de trigêmeas em Guia Lopes da Laguna (MS); **Cidade Afluente**, ficção sobre a precarização do trabalho e suas relações, e **Lapso**, ficção sobre as questões atuais vividas por adolescentes. A programação reúne obras que abordam ancestralidade, cultura popular, juventude, racismo, memória, afetos, inclusão, trabalho e identidade, compondo um mosaico das questões que hoje atravessam o mundo e o nosso país.

A mostra também fará sessões 100% acessíveis com a curadoria feita por pessoas com deficiência (PCDs). Estas sessões serão nos dias 23 e 24 de setembro, às 15h30, com os filmes sendo exibidos com acessibilidadeWes para pessoas com deficiência visual e/ou auditiva.

Criada em 2007, a mostra Curta no Almoço é fruto



da trajetória de Guilherme Whitaker na difusão do curta-metragem no Brasil. Cineclubista desde 1999, ele lançou, em 2000, o portal Curta o Curta, primeiro site dedicado à exibição online do formato. Desde então, o projeto consolidou-se como a iniciativa mais longeva de formação de público online para o curta-metragem no país. A expectativa é receber cerca de 1.500 espectadores nesta edição da mostra.

Com sessões gratuitas na hora do almoço, o projeto reafirma que grandes histórias não dependem da duração. Em poucos minutos, cada filme oferece um recorte singular de temas interessantes e atuais, além de aproximar o público do cinema nacional e de artistas que hoje renovam a forma de pensar audiovisualmente o nosso Brasil.

Serviço: Mostra “Curta no Almoço” / De 1 a 25 de setembro de 2026 / Sessões de terça a sexta, às 12h, 12h45 e 13h30 / **CAIXA Cultural Rio de Janeiro - Unidade Passeio / Rua do Passeio, 38 - Centro, Rio de Janeiro/RJ** / Acesso para pessoas com deficiência / Entrada Gratuita / Retirada de ingressos a partir de 30 minutos antes de cada sessão / Classificação indicativa: ver programação / Informações: (21) 3083-2595 / site da CAIXA Cultural | [@caixa-culturalrj](https://www.caixa-cultural.rj) / Realização: WSET / Patrocínio: CAIXA Cultural / [@curtaocurta](http://www.curtaocurta.com)

CASA DE ALICE REALIZA EDIÇÃO DA FEIRA DA RUA FORTUNATO, NA VILA BUARQUE, DIAS 22 E 23 DE AGOSTO



A Casa de Alice, referência na valorização da economia criativa e das marcas autorais em São Paulo, realiza nos dias 22 e 23 de agosto, das 11h às 19h, mais uma edição da tradicional feira da Rua Fortunato, na Vila Buarque.

Com entrada gratuita, o evento reunirá 40 marcas autorais, oferecendo ao público uma seleção de produtos de moda, design, decoração, papeleria, arte, acessórios, bem-estar, cosméticos naturais e gastronomia. A proposta é incentivar o consumo consciente, aproximando os visitantes de pequenos empreendedores e criadores in-

dependentes.

Muito além de um espaço de compras, a Casa de Alice transforma a rua em um ambiente de convivência, cultura e conexão entre pessoas. A feira fortalece o comércio local, movimenta a economia do bairro e promove experiências que valorizam o trabalho artesanal, a produção em pequena escala e o empreendedorismo criativo.

A Rua Fortunato já se consolidou como um dos principais pontos de encontro da Casa de Alice, recebendo moradores, turistas e visitantes que buscam produtos exclusivos, boa gastronomia e

um passeio ao ar livre em um dos bairros mais tradicionais da capital paulista.

O evento também é pet friendly e proporciona uma programação leve e acolhedora para toda a família, incentivando a ocupação dos espaços públicos por meio da cultura, da criatividade e da valorização dos pequenos negócios.

SERVIÇO Casa de Alice – Feira da Rua Fortunato / Data: 22 e 23 de agosto / Das 11h às 19h / Local: Rua Fortunato – Vila Buarque – São Paulo/SP / Entrada: Gratuita

Sobre a Casa de Alice

A Casa de Alice é uma das principais iniciativas de incentivo à economia criativa em São Paulo. Há anos promove feiras que conectam pequenos empreendedores ao público, fortalecendo marcas autorais e incentivando um consumo mais consciente, sustentável e conectado com a produção local. Seus eventos transformam espaços urbanos em ambientes de cultura, empreendedorismo e experiências para toda a família.

Instagram: [@casadealiceoficial](https://www.instagram.com/casadealiceoficial)
Site: www.casadealice.com.br

COM SÍNDROME DE DOWN, EM 1915 E NÃO A ESCONDERAM

Uma princesa alemã nasceu em 1915 com síndrome de Down – e sua família fez algo silenciosamente revolucionário para a época.

Eles não a esconderam.

Seu nome era Alexandrine Irene da Prússia, filha mais velha do príncipe herdeiro Wilhelm e da princesa Cecilie. Para aqueles que a amavam, ela era simplesmente “Adini”.

Em uma época em que muitas crianças com deficiência eram escondidas, internadas em instituições ou mencionadas apenas em sussurros, Alexandrine aparecia nas fotografias da família. Participava de momentos públicos. Foi criada ao lado de seus irmãos, e não afastada da própria história da família.

Hoje isso pode parecer algo simples. Naquele tempo, não era.

Com a ascensão da Alemanha Nazista, pessoas com deficiência passaram a ser alvo de um dos programas mais cruéis do regime: a Aktion T4, o assassinato organizado

de pessoas consideradas “indignas de viver”. O lugar de Alexandrine dentro de sua família fez toda a diferença. Ela não foi abandonada em instituições que se tornaram extremamente perigosas para pessoas vulneráveis. Foi mantida perto, protegida e cuidada.

Ela também recebeu educação. Na adolescência, Alexandrine estudou na Trüpersche Sonderschule, em Jena, uma escola pioneira para crianças com deficiências intelectuais e físicas – um detalhe extraordinário em uma época em que tantas crianças como ela eram privadas até mesmo de qualquer ensino sério.

Sua vida não foi marcada por grandes discursos, coroas ou poder político. Mas carrega um peso diferente.

Ela viveu a queda de impérios, a brutalidade da era nazista, a Segunda Guerra Mundial e o enfraquecimento de sua antiga família real. Em meio a tudo isso, Alexandrine permaneceu amada. Sua mãe, a princesa Cecilie, continuou

dedicada a ela. Mais tarde, viveu tranquilamente perto do Lago Starnberg, na Baviera, sendo cuidada por sua enfermeira Ericka Strecker e visitada pela família.

Ela morreu em 1980, aos 65 anos – uma expectativa de vida extraordinária para alguém nascido com síndrome

de Down em 1915.

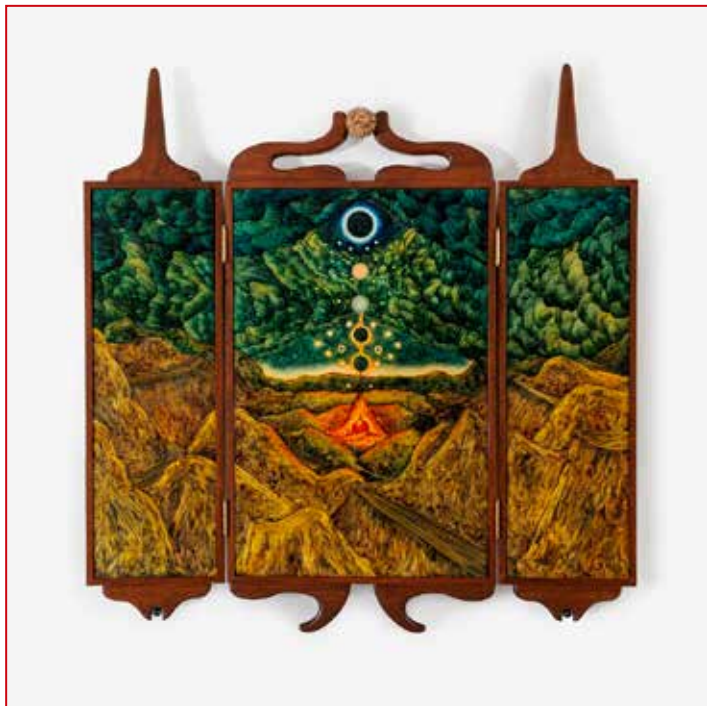
A história costuma lembrar das mulheres da realeza por seus casamentos, pelas joias que usavam ou pelos escândalos que as cercavam.

Mas o legado de Alexandrine é mais delicado – e, de certa forma, muito mais poderoso.



COMEÇAM VENDAS DE INGRESSOS PARA A SP-ARTE ROTAS

Feira de arte acontecerá de 26 a 30 de agosto na ARCA, em São Paulo, com 70 galerias, além de museus e projetos especiais



Já estão à venda os ingressos para a SP-Arte Rotas, feira de projetos curados realizada desde 2022 na ARCA, em São Paulo, que celebra neste ano a sua 5ª edição renovando-se como espaço de diálogo da arte produzida na América Latina. **O evento acontece de quarta a domingo, 26 a 30 de agosto de 2026, e os ingressos já podem ser adquiridos online:** <https://bilheteria.sp-arte.com/>.

Com projetos representando as cinco regiões do país (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul), a SP-Arte Rotas incorpora a proposta, iniciada em 2025, de expandir suas fronteiras. Neste ano, participam também galerias do Uruguai (Sur), da Argentina (Isla Flotante, Barro e W), da Colômbia (Casa Zirio) e da Itália (Orma).

Do Brasil, estarão presentes as paulistanas Almeida & Dale, Mitre, Luciana Brito, Gomide&Co, Vermelho, Marília Razuk, Superfície, Luis Maluf, Galatea, Martins&Montero, entre outras. Também participam galerias de outras regiões do país, entre as quais Flexa (Rio de Janeiro), Paulo Darzé (Salvador), Marco Zero (Recife), Cerrado (Goiás e DF), Leonardo Leal e Cave (Fortaleza), Lima (São Luís) e Bolsa de Arte (Porto Alegre). Vale destacar que muitas galerias brasileiras apresentarão obras

de seus artistas latino-americanos representados.

Nesta edição, a feira seguirá abrindo espaço para projetos especiais, como o Sertão Negro, ateliê-escola fundado por Dalton Paula em Goiânia e que também comemora 5 anos de atuação em 2026; a Galeria Ocupá, espaço que busca criar pontes entre a Zona Sul carioca e artistas de territórios periféricos do Rio de Janeiro; e a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, espaço coletivo independente em Boa Vista (Roraima) concentrado na produção de artistas indígenas.

Outra novidade é a participação de dois novos estúdios que atuam nas fronteiras entre arte e design: Lucas Recchia e Apartamento 61, além da Passado Composto Século XX, que participa desde a primeira edição.

Rotas é uma feira de negócios vibrante, na qual as galerias são provocadas a idealizar projetos especificamente para a ocasião, colocando artistas em diálogo, apresentando nomes em ascensão pela primeira vez ao grande público ou revendo a obra de mestres consagrados por novas perspectivas. É uma feira de descobertas: de jovens artistas, de trabalhos menos conhecidos de artistas renomados e de novas formas de apresentação.



Destes encontros, vêm a dinamicidade do evento, feito para quem quer pensar fora da caixa, ampliar o olhar e suas referências. É neste ambiente que os públicos — ano a ano renovados — se encontram: colecionadores nacionais e internacionais, curadores, artistas, galeristas, pesquisadores e apaixonados por arte e cultura.

Neste ano, a direção artística está a cargo do curador, escritor e pesquisador brasileiro Bernardo Mosqueira. Vivendo em Nova York, Mosqueira é fundador e diretor artístico do Solar (anteriormente conhecido como Solar dos Abacaxis), no Rio de Janeiro, desde 2015. Foi curador-chefe do Institute for Studies on Latin American Art (ISLAA), em Nova York (2023–25), e integrou a equipe curatorial do New Museum (2021–23).

Reconhecido internacionalmente, recebeu em 2025 o Vilcek Prize for Creative Promise in Curatorial Work e, em 2017, o Prêmio Lorenzo Bonaldi per l'Arte, do GAMeC, em Bérghamo, Itália. Em 2023, a revista Cultured o destacou como um dos seis “curadores visionários” em sua lista anual Young Curators. É mestre em estudos curatoriais pelo Center for Curatorial Studies, Bard College (CCS Bard).

É de Mosqueira a curadoria do setor Mirante que, no centro da feira, reúne obras que se destacam por sua escala, relevância histórica, singularidade formal ou potência conceitual. O curador toma como ponto de partida a ideia

de uma paisagem expandida: não apenas um gênero da representação artística, mas um campo para pensar as múltiplas relações entre os seres humanos e seus entornos.

“O conjunto reúne tanto experiências históricas e contemporâneas de experimentação da paisagem quanto obras que revelam a enorme diversidade de modos de pensar, saber, sentir, imaginar, viver junto e conceber o cosmos, tão característica da América Latina. Nelas, a paisagem extrapola os limites da representação para tornar-se um campo expandido de relações, onde memória, ecologia, espiritualidade, política, história e imaginação se entrelaçam como formas complementares de compreender o mundo ao qual pertencemos”, afirma.

A feira receberá também o Palco SP-Arte com bate-papos entre artistas, curadores e especialistas, privilegiando a troca direta com a plateia.



ALINE FANJU FAZ ESTREIA PAULISTANA DE SEU SOLO "PAIXÃO SIMPLES", A PARTIR DO ROMANCE DE ANNIE ERNAUX, NO SESC SANTANA

Com direção e texto de Alessandra Colassanti e idealização de Pablo Sanábio, peça cria um relato íntimo de uma mulher tomada por um amor avassalador e unilateral. Esta é a primeira adaptação de uma obra da aclamada autora francesa (Prêmio Nobel de Literatura em 2022) no Brasil

A atriz Aline Fanju @aline-fanju, que recentemente interpretou a delegada Marise na novela "Três Graças" da Globo, estreia em São Paulo seu primeiro monólogo, "Paixão Simples", inspirado no romance homônimo de Annie Ernaux. O espetáculo tem temporada no Sesc Santana @sescsantana, de 28 de agosto a 03 de outubro.

Com direção e dramaturgia de Alessandra Colassanti e idealização de Pablo Sanábio, o solo traz um relato da própria escritora sobre sua paixão e espera por um homem estrangeiro e casado, cujo nome nunca é revelado.

A obra, baseada no livro homônimo publicado em 1991, traz esse relato íntimo e visceral dessa mulher tomada por um amor avassalador e unilateral. Com uma narrativa crua e honesta sobre seus sentimentos, desejos e ausência, ela descreve, durante meses, como sua vida gira em torno da expectativa pelos encontros com o ser amado, provocando uma metódica organização de seus dias e um mergulho em seus sentimentos.

Com linguagem direta, delicadamente brutal e com toques eróticos, a peça convida o público a testemunhar o uso da escrita na tentativa de dar sentido às emoções, já que ela transforma um episódio íntimo em uma reflexão sobre o amor, as expectativas e a perda.

O livro, inclusive, foi redescoberto recentemente por uma nova geração de leitores jovens nas redes sociais - sobretudo no TikTok - onde trechos viralizaram.

"Paixão Simples é sobre o feminino em sua totalidade. Não é só a história da Annie, personagem do livro, não se resume à experiência individual de uma mulher específica. É sobre uma es-

pera que atravessa os séculos. Uma espera ancestral, avassaladora, muitas vezes injusta, que na encenação ganha uma perspectiva alegórica que só o teatro pode oferecer", conta a diretora Alessandra Colassanti.

Sobre Aline Fanju

Nascida em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, mudou-se aos 17 anos para o Rio de Janeiro para estudar teatro. Em seu currículo constam trabalhos no cinema nos longas "A novela das 8", "O buscador", "Operação Game over: a volta da babá" e "Planta baixa". Ganhou prêmio de melhor atriz coadjuvante no cine-PE por seu trabalho no filme "O crime da Gávea". Na TV, atuou nas novelas "Paraíso Tropical", "Viver a Vida", "Em família", "Totalmente demais" e "Malhação - Viva a diferença" (Globo) e "Vidas em Jogo" e "Gênesis" (Record). No teatro, esteve em espetáculos como "Razão pra ser Bonita", "Pão com Mortadela", "Decadência", "Tremores Ligeiros", "Ponto de Fuga".

Sobre Alessandra Colassanti

Atriz, roteirista e diretora carioca. Fez sua estreia como atriz em 2001, no espetáculo "Deus Ex-Machina". Atuou nas séries "O Mecanismo", 1a e 2a temporadas (Netflix) e "Magnífica 70" (HBO/Conspiração Filmes) e "Afim" o que querem as mulheres" (Globo) e protagonizou "As Canalhas" (GNT). No cinema, fez parte do elenco de "É Proibido Fumar" e estreou o curta-metragem autoral, "A Verdadeira História da Bailarina de Vermelho" que ganhou o prêmio de Melhor Curta-metragem no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. No teatro, trabalhou com Michel Melamed, Moacir Chaves, Paulo



de Moraes e foi roteirista dos programas "Adnight" e "Esquentando" (Globo), das novelas "Balacobaco", "Bela a feia" e "Amor e Intrigas" (Record), e da série "Desnude" (GNT).

Sobre Pablo Sanábio

Pablo Sanábio é ator e produtor. Na televisão participou de inúmeras novelas, sendo a última "Garota do Momento" e ter feito parte do elenco central da série "Sob Pressão". No cinema atuou em mais de 20 longas com destaque para "Medida Provisória" de Lázaro Ramos, "Boa Sorte" de Carol Jabor, entre outros. No teatro foi responsável por ter idealizado grandes sucessos do teatro brasileiro a partir de livros: foi sua a ideia do monólogo "O Filho Eterno" de Cristovão Tezza, o espetáculo "O menino que vendia palavras" a partir da obra do Ignácio de Loyola Brandão, foi um dos idealizadores de "Fonchito e a Lua" adaptado da obra do Mario Vargas Llosa, "Talvez uma história de amor" adaptado da obra de Martin Page, recentemente teve o monólogo da atriz Miá Mello a partir do livro "Mãe Fora da Caixa", que devido ao grande sucesso virou filme.

Ficha Técnica: Baseada na obra de Annie Ernaux / Com Aline Fanju / Idealização - Pablo Sanábio / Direção e dramaturgia - Alessandra Colassanti / Direção Assistente - Bianca Joy / Tradução - Marília Garcia (Fósforo, 2023) / Direção

de produção - Roberta Dias (Caroteno Produções) / Produtora Executiva - Marcella Castilho / Trilha sonora - Alessandra Colassanti e Carol Mathias / Direção musical - Carol Mathias / Produtores associados - Aline Fanju, Pablo Sanábio e Roberta Dias / Realização - Fanju Produções Artísticas

Sinopse

Paixão Simples traz a atriz Aline Fanju em seu primeiro monólogo, no papel da escritora francesa vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2022 Annie Ernaux, que relata a sua paixão - e a espera - por um homem estrangeiro, casado, cujo nome nunca é revelado. A obra traz um relato íntimo e visceral da autora: uma mulher tomada por um amor avassalador e unilateral.

Serviço: Paixão Simples, Baseado no livro de Annie Ernaux / **Temporada:** 28 de agosto a 03 de outubro de 2026 / Sextas e sábados, às 20h. Domingos, às 18h. / Sessões extras: 7 de setembro, segunda, às 18h / 25 de setembro, sexta, às 15h / 2 de outubro, sexta, às 15h / **Sesc Santana** - Av. Luiz Dumont Villares, 579 - Santana, São Paulo / Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 30 (meia-entrada) e R\$ 18 (credencial plena) / Venda online em sescsp.org.br e presencial na bilheteria de qualquer unidade do Sesc São Paulo / Duração: 60 minutos / Classificação: 16 anos / Capacidade: 330 lugares / Acessibilidade: teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

THRILLER CÔMICO “DO RÉ MI FU - O MUNDO FORA DA ESCALA” GANHA NOVA TEMPORADA POPULAR NO TEATRO ALFREDO MESQUITA



Protagonizado por Renata Konso e Marcio Trinchinatto, espetáculo convida o público a espiar aspectos humanos sombrios, como a mediocridade, a violência e a vingança

A linha tênue entre a civilidade e a barbárie é explorada pelo espetáculo “DO RÉ MI FU - O Mundo Fora da Escala”, um thriller cômico estrelado por Renata Konso e Marcio Trinchinatto, que também assina a direção e a dramaturgia. A peça estreou em 2024, e agora ganha uma nova temporada popular no Teatro Alfredo Mesquita @teatroalfredomesquita, de 4 a 20 de setembro, com sessões às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 19h.

Ao longo de 80 minutos, o espetáculo reúne seis cenas independentes que apresentam o público a espiar aspectos humanos sombrios como mediocridade, violência e vingança, sem deixar o humor e a poesia de lado. São histórias que se desenrolam em ambientes como um apartamento gourmet, uma escola de elite e uma UTI de hospital, proporcionando ao espectador uma

imersão em comportamentos e situações intimamente relacionadas ao seu próprio cotidiano em um mundo tomado pela individualidade e falta de empatia.

A peça é um retrato do mundo pós-pandemia, na qual o riso e o desconforto se misturam. Neste caos da (in)civilidade, os diálogos rápidos e as reviravoltas -por vezes cruéis- refletem o estresse estratosférico que liberta o nosso lado mais irracional em um retrato da sociedade atual permeada por ira, ódio e falta de paciência.

DÓ RÉ MI FU – O Mundo fora da escala, é uma obra contemporânea que provoca uma sequência de reflexões sobre a natureza humana e o contexto atual e, talvez por isso, assusta por revelar o gigante sem controle que carregamos dentro de nós.

Ficha Técnica: Texto e Direção: Marcio Trinchinatto / Elenco: Renata Konso e Marcio Trinchinatto

/ Produção: R2B Projetos para Recursos e Nos Trinx Produções

Sinopse - DO RÉ MI FU – O Mundo fora da escala reúne seis cenas independentes que apresentam 12 personagens, convidando o público a espiar aspectos humanos sombrios como mediocridade, violência e vingança, sem deixar o humor e a poesia de lado. A obra provoca uma sequência de reflexões sobre a natureza humana e o contexto atual e, talvez, por isso, assusta por revelar o gigante sem controle que carregamos conosco. Trata-se de uma deliciosa crítica social que nos faz rir e chorar. Tudo ao mesmo tempo.

Serviço: DO RÉ MI FU – O Mundo fora da escala / Teatro Alfredo Mesquita: Avenida Santos Dumont, 1770 – Santana / (Estacionamento gratuito no local) / Temporada: 4 a 20 de setembro de 2026* / Às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 19h / Ingressos: R\$20 (inteira) e R\$10 (meia-entrada) / Venda online em www.sympla.com.br/doremifu / Estacionamento gratuito / Classificação: 14 anos / Duração: 80 minutos / Acessibilidade: tradução em Libras em todas as sessões. Teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida. @do.re.mi.fu / www.doremifu.com.br



NÚCLEO EXPERIMENTAL REMONTA E RECONTEXTUALIZA SEU SUCESSO AS TROIANAS EM COMEMORAÇÃO A SEUS 20 ANOS DE PALCO



Com direção de Zé Henrique de Paula e direção musical de Fernanda Maia, o musical situa a tragédia de Eurípedes ao contexto de um presídio feminino em São Paulo durante a Ditadura Militar. Estreia acontece na sede do grupo no dia 18 de agosto

Para festejar suas duas décadas de sucesso, o Núcleo Experimental revisita seu celebrado espetáculo “As Troianas”, que estreou em 2009, foi indicado aos prêmios Shell, da Cooperativa Paulista de Teatro [@coopteatro](http://coopteatro.org) e que em diversas categorias e teve várias temporadas lotadas. Desta vez, a remontagem estreia no dia 18 de agosto na sede do grupo na Barra Funda, e fica em cartaz até 7 de outubro, com sessões às terças e quartas, às 20h.

O espetáculo tem adaptação e direção de Zé Henrique de Paula [@zenriqdpaula](http://zenriqdpaula.com), direção musical, composições e arranjos de Fernanda Maia e traz no elenco Bia Reze, Brian Penido Ross, Bruna Guerin, Edyelle Brandão, Fabio Redkowitz, Fernando Tavares, Giovanna Sassi, Larissa Noel, Laura Sculli, Mari Rosinski, Nábia Villela, Patrícia Gifford, Vanessa Espósito e Victor Edwards.

A primeira versão de “As Troianas” foi inspirada pela obra homônima de Eurípedes, que foi escrita em 415 a.C., em Atenas, e era parte de uma trilogia dedicada à guerra de Tróia da qual as outras obras (Alexandros e Palamedes) se perderam, restando apenas fragmentos.

Na obra original, após a destruição de Tróia, as mulheres da cidade - Hécuba, Andrômaca, Cassandra e as demais troianas - enfrentam a perda, a escravidão, o luto e o exílio impostos pelos vencedores gregos. Privadas de seus lares e de suas famílias, elas testemunham o fim de sua pátria e resistem apenas com a força da palavra e da dor compartilhada.

Escrita pouco depois do brutal ataque a Melos, em que Atenas mataria praticamente todos os homens em idade adulta e escravizaria as mulheres, a peça é vista como uma denúncia política não apenas dos crimes na mítica Tróia, mas também na época em que viveu o autor. Eurípedes dá voz às mulheres silenciadas pela guerra, revelando sua dignidade, coragem e humanidade diante da violência e da arrogância dos conquistadores.

Já em sua montagem em 2009, o Núcleo Experimental recontextualizou a tragédia em um campo de concentração situado na Polônia, às vésperas do final da Segunda Guerra. As personagens femininas se expressavam somente através do canto, que representava um território de segurança, afeto e preservação de memória para aquelas mulheres. Uma pesquisa sobre canções oriundas de povos e/ou etnias de refugiados definiu o repertório cantado pelas atrizes.

Presídio Tiradentes, 1972.

A partir da decretação do

infame Ato Institucional n.5, em dezembro de 1968, o Brasil entrou na fase mais sombria e violenta da ditadura militar que havia tomado o poder à força em 1964. Liberdades individuais e políticas estavam soterradas, o Congresso dissolvido.

Os famosos “porões da ditadura” torturavam e matavam todos aqueles que esboçassem qualquer tipo de dissidência. Em São Paulo, na Avenida Tiradentes (onde alguns anos depois seria inaugurada a estação de metrô de mesmo nome), um presídio construído no século XIX servia de carceragem para os presos políticos que sobreviviam às torturas do DOPS e do DOI-CODI. No centro do prédio, uma torre. E nela, as mulheres presas pela ditadura. A ala feminina do presídio conhecida como Torre das Donzelas.

“As Troianas - música nas trevas” revisita uma vez mais o texto de Eurípedes, agora à luz desse capítulo triste da história do Brasil: a violência de Estado promovida pela ditadura militar contra as cidadãs brasileiras, tendo como inspiração o livro “A Torre: O cotidiano de mulheres encarceradas pela ditadura”, de Luiza Villaméa. Ambientada na Torre das Donzelas, a ação da peça ganha novos contornos e significados, especialmente a questão feminina.

Na tragédia de Eurípedes, Tróia está destruída e as mulheres sobreviventes tornam-se espólios do vencedor e representam uma população

civil subjugada, silenciada e despojada de qualquer direito jurídico ou político. O poder militar grego legitima o sequestro, o exílio forçado, a separação de mães e filhos e o estupro como extensão “natural” da vitória. A barbárie não é política oficial.

De modo análogo, na ditadura militar o regime instaurou uma estrutura sistemática de controle e punição, que atingiu amplamente as chamadas “categorias desviantes” ou “ameaçadoras” à ordem: militantes, trabalhadores, estudantes, artistas, intelectuais e, de maneira específica, as mulheres.

Assim como as troianas, muitas militantes foram atingidas não apenas por suas posições políticas, mas por aquilo que representavam simbolicamente. Eram frequentemente submetidas a torturas que exploravam o corpo feminino como instrumento de humilhação e disciplina: violência sexual, ameaças contra filhos, insultos misóginos e a tentativa constante de reduzir sua atuação política a uma “anormalia moral”. A repressão compreendia que atingir o corpo da mulher era uma forma eficaz de atingir a coletividade.

Há ainda um paralelo profundo no silenciamento da voz feminina. Quando mulheres denunciavam prisões ilegais, desaparecimentos e torturas (como fizeram mães, esposas e filhas de presos políticos), suas vozes eram sistematicamente deslegitimadas



pelo Estado. A dor feminina era convertida em ruído incômodo, nunca em prova. O lar era invadido, as famílias desmembradas, os filhos eram assassinados ou sequestrados, e a maternidade tornava-se lugar de luto e impotência.

O encontro entre As Troianas e a Torre das Donzelas expõe regimes que se sustentam pela violência, pela desumanização do outro e pelo controle dos corpos - especialmente os corpos femininos - como forma de manutenção do poder. Revisitar essa tragédia hoje é um gesto de memória, denúncia e resistência.

As Troianas - por Fernanda Maia

"Inspirada por artistas que transformaram a música em instrumento de denúncia e esperança, a composição incorpora referências da canção de protesto brasileira e latino-americana, evocando a força poética de compositoras e compositores que enfrentaram regimes autoritários por meio da arte.

A trilha dialoga com a tradição da canção latino-americana, especialmente com os artistas que transformaram a arte em instrumento de memória, denúncia e resistência. Estão presentes ecos da Nueva Canción Latinoamericana, movimento que encontrou na música uma forma de enfrentar a censura e a opressão, assim como referências à canção popular brasileira produzida durante os anos de chumbo.

Mais do que citações musicais, essas influências aparecem como parte de uma mesma linhagem de artistas que compreenderam a canção como espaço de reflexão coletiva e construção de identidade.

O coro feminino, elemento fundamental da tragédia de Eurípides, é reinterpretado como uma comunidade de mulheres privadas de liberdade, que encontra na voz coletiva uma forma de preservar sua humanidade. O coro não é apenas observador dos acontecimentos; ele é a voz da comunidade. Nesta montagem, essa voz coletiva é formada por mulheres encarceradas que compartilham medos, lembranças, revoltas e esperanças. Suas canções oscilam entre a delicadeza e a indignação, entre a memória do mundo perdido e a determinação de seguir vivendo.

Mais do que ilustrar a ação dramática, a música funciona como testemunho. Ela dá voz às ausências, às perdas e aos sonhos interrompidos, mas também à capacidade de reconstrução das mulheres diante da violência do Estado, reafirma a arte como território de resistência e de preservação da memória, lembrando que, em qualquer época, cantar pode ser um ato profundamente político".

Ficha Técnica: Elenco: Bia Reze, Brian Penido Ross, Bruna Guerin, Edyelle Brandão, Fabio Re-



dkowicz, Fernando Tavares, Giovanna Sassi, Larissa Noel, Laura Sciulli, Mari Rosinski, Nábia Vilela, Patrícia Gifford, Vanessa Espósito e Victor Edwards / Adaptação e direção: Zé Henrique de Paula / Direção musical, composição (letras e música) e arranjos: Fernanda Maia / Realização: Núcleo Experimental - 20 anos.

Sinopse:

Tróia foi destruída. Suas mulheres, Hécuba, Andrômaca, Cassandra e as demais troianas aguardam o exílio, a escravidão e a separação de seus filhos, impostos pelos vencedores gregos. É essa tragédia, escrita por Eurípides há mais de dois mil anos, que o Núcleo Experimental encena para celebrar seus 20 anos de palco.

Mas o cenário não é a Grécia Antiga: é a Torre das Donzelas, ala feminina do Presídio Tiradentes, em São Paulo, 1972. Onde a ditadura militar

brasileira encarcerava mulheres por sua militância política. A montagem cria um paralelo direto entre o destino das troianas e o das presas políticas, subjugando o corpo e a voz das mulheres através da tortura, do silenciamento e do apagamento de suas histórias.

O paralelo vai além do texto. Na vida real, as presas da Torre das Donzelas chegaram a montar uma peça de teatro dentro da cela. Encenar, ali, era uma maneira de continuar existindo, de não se deixar apagar pelo regime. É esse gesto, o teatro como sobrevivência e resistência, que a peça do Núcleo Experimental recupera e homenageia ao trazer As Troianas para dentro da Torre.

O coro, elemento fundamental da tragédia grega, transforma-se na voz coletiva dessas mulheres, que cantam para preservar memória, afeto e humanidade diante da violência. Inspirado no livro A Torre, de Luíza Villaméa, o espetáculo é, ao mesmo tempo, tragédia grega e denúncia histórica. Um lembrete de que, em qualquer época, dar palco à dor de mulheres silenciadas é um ato profundamente político.

Serviço As Troianas Temporada: 18 de agosto a 7 de outubro de 2026* Às terças e quartas-feiras, às 20h *Todas as sessões serão seguidas por um bate-papo com elenco **Teatro do Núcleo Experimental** - Rua Barra Funda, 637, Barra Funda, São Paulo Ingressos: R\$40 (inteira) e R\$20 (meia-entrada) Venda online via Sympla Classificação: 12 anos Duração: 90 minutos Capacidade: 65 lugares



RAUL BARRETTO REFLETE SOBRE TEMPO E ENVELHECIMENTO EM DESPALHAÇO, NO SESC VILA MARIANA EM SEU PRIMEIRO SOLO

Em seu primeiro espetáculo solo adulto, ator revisita mais de quatro décadas dedicadas ao teatro e à palhaçaria e aborda as relações entre tempo, envelhecimento, arte e vida em sociedade

Com mais de quatro décadas dedicadas ao teatro e à palhaçaria, Raul Barretto parte da própria trajetória para refletir sobre o tempo, o envelhecimento e a permanência do artista em cena. Primeiro texto de sua autoria, "Despalhaço" também marca seu primeiro solo adulto. Barretto assina ainda a direção da montagem, que reúne teatro, circo, improvisação, malabares e recursos audiovisuais. O espetáculo estreia no dia 27 de agosto, no Auditório do Sesc Vila Mariana, onde permanece até 5 de setembro, com apresentações às quintas, sextas e sábados, às 20h30.

Próximo dos 70 anos e com 44 anos de carreira, Barretto revisita experiências pessoais e transformações coletivas enquanto discute o lugar da arte na sociedade contemporânea. O solo faz parte da comemoração de 35 anos do Grupo Parlapatões, do qual faz parte ao lado de Hugo Possolo, e chega 15 anos depois de seu primeiro solo infantil, "O Bricabraque".

Com uma trajetória também ligada à criação de espaços de formação e difusão teatral em São Paulo, Barretto é sócio co-fundador do Espaço Parlapatões, que completa 20 anos, e um dos idealizadores da SP Escola de Teatro, onde coordena a Linha de Estudo em Humor há 16 anos.

Em "Despalhaço", Barretto parte dessas experiências para examinar o caminho percorrido e as mudanças que testemunhou dentro e fora dos palcos. A contagem do tempo torna-se um dos eixos da dramaturgia, que coloca em cena questões relacionadas à longevidade, à memória e às perspectivas de futuro em uma sociedade marcada pela aceleração e pela fragmentação.

A dramaturgia se organiza em três planos temporais. O passado recupera momentos da carreira do ator e de sua relação com o teatro e a palhaçaria. O presente aborda temas como desenvolvimento,

sustentabilidade, inteligência artificial e a função social do artista. O futuro aparece como um campo de dúvida e possibilidade, a partir do qual o espetáculo investiga outros modos de relação entre os seres humanos e o planeta.

"O mais urgente é reafirmar a importância de vivermos em comunidade e em harmonia, conseguindo divergir sem transformar o outro em inimigo. O palhaço mostra o ridículo que vivemos e pode nos levar a alguma consciência", afirma Barretto.

Em cena, o ator combina texto e improvisação com técnicas circenses como malabares, monociclo, chicote e facas. O cenário criado por Diego Dac tem como elemento central um tecido que assume diferentes funções e significados ao longo da apresentação. Projeções acompanham toda a encenação e integram imagens, vídeos e depoimentos à passagem do artista pelo tempo.

A pesquisa reúne referências de diferentes áreas do conhecimento. Entre elas estão o filósofo Diógenes, os cientistas Marcelo Gleiser e Carl Sagan e estudos sobre a formação das sociedades humanas, os povos indígenas, a consciência e a inteligência. A criação também dialoga com o trabalho do artista Jaider Esbell, da arqueóloga Niède Guidon e dos pesquisadores Eduardo Neves e Miguel Nicolelis.

O título "Despalhaço" sintetiza as transformações do artista ao longo da vida, sem representar um afastamento da palhaçaria. "O palhaço é uma criança eterna. Manter esse olhar, ao mesmo tempo inocente e crítico, é algo que o ser humano não deveria perder. A permanência no palco também nasce dessa busca pelo diálogo e pelo olho no olho", diz Barretto.

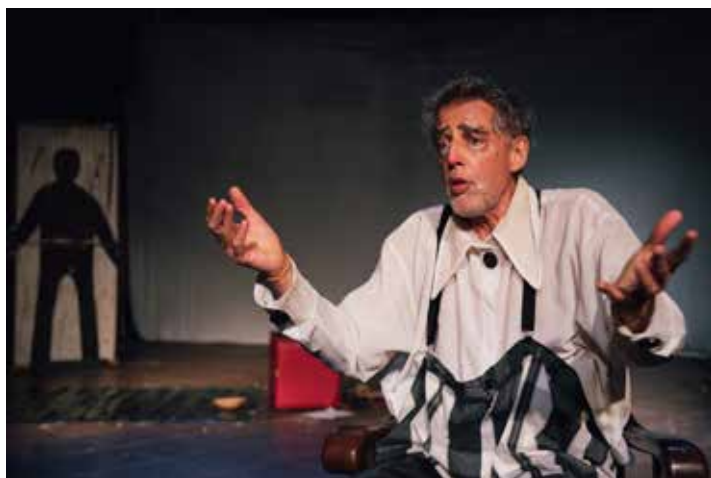
Ficha técnica: Texto, atuação e criação: Raul Barretto. Preparação de ator e direção de cena: Antônio Januzzi. Assistência de direção:



Helena Cerello. Direção de produção: Jessica Rodrigues e Carolina Henriques. Realização: Sesc. Produção geral: Companhia Vadabordo e Rodri Produções.

Serviço: Despalhaço Estreia dia 27 de agosto no Sesc Vila Mariana De 27 de agosto a 5 de se-

tembro de 2026. Quinta a sábado, às 20h30. / 70 minutos. / 14 anos. Sesc Vila Mariana, Auditório (Torre A, 1º Andar) Rua Pelotas, 141, Vila Mariana, São Paulo / 130 lugares Ingressos: R\$15 (credencial plena), R\$25 (meia entrada) e R\$50 (inteira) Link vendas: <https://www.sescsp.org.br/programacao/despalhaço/>



Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: lacrezine@gmail.com

ESPETÁCULO INFANTOJUVENIL A BICICLETA QUE TINHA BIGODES, ADAPTAÇÃO DA OBRA DO PREMIADO AUTOR ANGOLANO ONDJAKI, ESTREIA

Com direção artística de Suzana Aragão e dramaturgia de Kiusam Oliveira, peça é uma jornada poética e musical sobre o poder da palavra, a memória ancestral e a magia do sonhar

A amizade, a escrita como forma de libertação e a tradição oral são temas do espetáculo infantojuvenil *A Bicicleta Que Tinha Bigodes*, adaptação da obra do premiado autor angolano Ondjaki. O espetáculo, com direção de Suzana Aragão e dramaturgia de Kiusam Oliveira, tem sua temporada de estreia no Sesc Bom Retiro, de 30 de agosto a 16 de setembro, com sessões aos domingos, às 12h (e apresentações extras no dia 7/9, às 12h, e no dia 16/9, às 10h e às 14h.)

O trabalho ainda tem direção musical e canções originais de Renato Gama. E, no elenco, estão Andreas Mendes, Concení Paulina, Mawusi Tulani, João Invenção, Geni Cavalcante e Tenca Silva (stand-in).

A história de Ondjaki apresenta uma infância que vive entre a dureza do cotidiano e a força ancestral da imaginação. Na trama, tudo começa com um anúncio vibrante vindo da Rádio Nossa: o concurso de redação do bairro vai premiar o texto mais bonito e cheio de encantamentos com uma reluzente bicicleta preta, vermelha e amarela.

É a partir desse anúncio que entram em cena os dois amigos e protagonistas da história: Isaura e Ondjaki. Movidos pelo grande sonho de ganhar a bicicleta, eles descobrem que, para vencer o concurso, precisam encarar um desafio ainda maior e responder a uma pergunta fundamental: como se começa uma história?

Nessa busca por ideias, Isaura e Ondjaki mergulham no cotidiano vívido e afetuosos de seu bairro. Entre as sabedorias da Vó — que ouve nos ventos as cantigas e a força dos Guerreiros Nagô —, o carinho rigoroso e as “lições de vida e limonada” da Tia



Alice, as memórias cômicas de um sapo poeta atropelado e a figura lendária do Tio Rui (cujo bigode parece espirrar palavras e poesias soltas no ar), os dois amigos descobrem o verdadeiro mistério da escrita.

Guiado pelo sobrevoo encantado do grande bigode do Tio Rui, Ondjaki (com o apoio inseparável de Isaura) aprende que as histórias mais bonitas não são tiradas das caixas dos outros: elas já moram nos ancestrais, no quintal, nos amigos e na coragem de colocar o próprio coração no papel.

Com muita delicadeza, humor e lirismo, a peça articula política e poesia, sonho e realidade, criando uma reflexão sobre a importância da sociedade comunitária, de descobrir a própria identidade e do respeito aos mais velhos e de sua tradição oral.

A encenação conta com trilha cantada ao vivo pelo elenco e uma poesia corporal (“Antes do sonho, o corpo...”) a cantigas de roda (Guerreiros Nagô), resgatando a oralidade como espaço de cura e preservação da memória.

Um dos pontos altos da montagem é a presença do mítico Bigode do Tio Rui, que flutua no palco e ganha os ares sobrevoando a plateia. Em um diálogo direto com o público, o Bigodão lembra a cada criança e adulto que “todos carregam um mundo dentro de si e só precisam de

coragem para escrever”.

Outro aspecto interessante de notar é que o espetáculo já começa no primeiro sinal do teatro, acolhendo a plateia com movimentos e sons do mar. E, no terceiro sinal, a penumbra toma conta do palco, revelando a magia de instrumentos musicais iluminados por luz fluorescente e LED.

Sobre Ondjaki

Nascido em Luanda, em 1977, o escritor Ondjaki é um dos grandes nomes atuais da literatura angolana, muito conhecido por retratar em seus livros, de forma lúdica e nostálgica, a dureza do cotidiano vivido em sua terra natal, por meio do olhar de uma criança.

Entre os livros que escreveu, estão “Os da minha rua” (2008), “Avô Dezanove e o segredo do soviético” (2009), “Bicicleta Que Tinha Bigodes” (2011), “Os Transparentes” (2013), “Bom Dia, Camaradas” (2014), “O Livro do Deslembramento” (2022) e “O Convidador de Pirlampos” (2022).

Ganhou os prêmios Sagrada Esperança (2004), Grande Prêmio do Conto (2007), Grinzane – Young African Writer (2008), FNLIJ – Juvenil (2010) e Jabuti – Juvenil (2010). É também membro da União dos Escritores Angolanos.

Ficha técnica

Autor da Obra Original: Ondjaki / **Direção Artística:** Suzana Aragão / **Dramaturgia:** Kiusam Oliveira / **Atuação:** Andreas Mendes, Concení Paulina, Mawusi Tulani, João Invenção e Geni Cavalcante / **Stand-in:** Andreas Mendes; Tenca Silva

Direção Musical e Composições Originais: Renato Gama / **Fotos:** Ariane Artioli

Sinopse

Tudo começa com um anúncio vibrante vindo da Rádio Nossa: o concurso de redação do bairro vai premiar o texto mais bonito e cheio de encantamentos com uma reluzente bicicleta preta, vermelha e amarela!

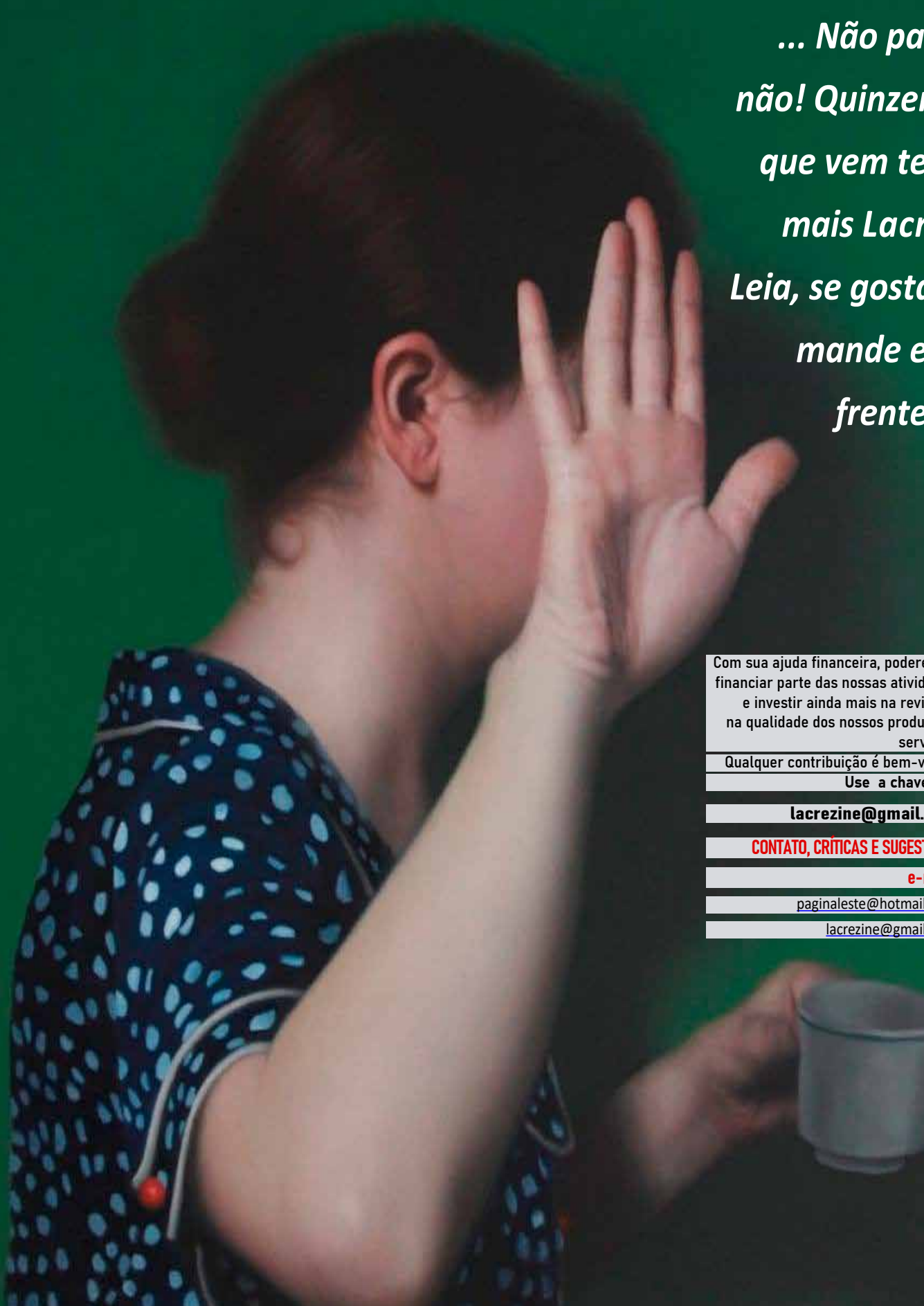
É a partir desse anúncio que entram em cena os dois amigos e protagonistas da história: Isaura e Ondjaki. Movidos pelo grande sonho de ganhar a bicicleta, eles descobrem que, para vencer o concurso, precisam encarar um desafio ainda maior e responder a uma pergunta fundamental: como se começa uma história?

Nessa busca por ideias, Isaura e Ondjaki mergulham no cotidiano vívido e afetuosos de seu bairro. Entre as sabedorias da Vó — que ouve nos ventos as cantigas e a força dos Guerreiros Nagô —, o carinho rigoroso e as “lições de vida e limonada” da Tia Alice, as memórias cômicas de um sapo poeta atropelado e a figura lendária do Tio Rui (cujo bigode parece espirrar palavras e poesias soltas no ar), os dois amigos descobrem o verdadeiro mistério da escrita.

Guiado pela magia e pelo sobrevoo encantado do grande bigode do Tio Rui, Ondjaki (com o apoio inseparável de Isaura) aprende que as histórias mais bonitas não se tiram das caixas dos outros: elas já moram nos ancestrais, no quintal, nos amigos e na coragem de colocar o próprio coração no papel.

Serviço

A Bicicleta Que Tinha Bigodes
De: 30 de agosto a 16 de setembro de 2026 / Aos domingos, às 12h / Sessões extras nos dias 7/9, às 12h; e 16/9, às 10h e às 14h / **Sesc Bom Retiro** - Teatro - Alameda Nothmann, 185 - Campos Elíseos, São Paulo / Ingressos: R\$40 (inteira), R\$20 (meia-entrada) e R\$12 (credencial plena) – Crianças até 12 anos: grátis. / 60 minutos / Livre. Recomendado para crianças a partir de 5 anos / Acessibilidade: Libras – dia 13/9.



*... Não para
não! Quinzena
que vem tem
mais LacrE.
Leia, se gostar,
mande em
frente...*

Com sua ajuda financeira, poderemos
financiar parte das nossas atividades
e investir ainda mais na revista e
na qualidade dos nossos produtos e
serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:

laczine@gmail.com

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com